

A BIODIVERSIDADE nas dunas do Abaeté:

PATRIMÔNIO **AMBIENTAL** URBANO



Fabiana Oliveira da Silva (Org.)

ORGANIZADORA

Fabiana Oliveira da Silva

Bióloga, Doutora em Ecologia

Universidade Federal de Sergipe, Campus do Sertão

Rodovia Engenheiro Jorge Neto km 0, Silos, Nossa Senhora da Glória, CEP 46980-000.

Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em estudos interdisciplinares e transdisciplinares em ecologia e evolução – INCT-IN-TREE

AUTORES

Augusto da Silva (Universidade Estadual de Feira de Santana)

Blandina Felipe Viana (Universidade Federal da Bahia/ INCT-IN-TREE)

Camilla Reis (Universidade Estadual de Feira de Santana)

Danilo Boscolo (Universidade de São Paulo/ INCT-IN-TREE)

Doriedson Ferreira Gomes (Universidade Federal da Bahia)

Eduardo Freitas Moreira (Universidade Federal da Bahia/ INCT-IN-TREE)

Eduardo Reis de Carvalho (Universidade Estadual de Feira de Santana)

Fabiana Oliveira da Silva (Universidade Federal de Sergipe/ INCT-IN-TREE)

Filipe Seixas (Universidade Estadual de Feira de Santana)

Kelly Regina Batista Leite (Universidade Federal da Bahia)

Lazaro Benedito da Silva (Universidade Federal da Bahia)

Léa Maria dos Santos Lopes Ferreira (Centro Universitário Jorge Amado – UNIJORGE)

Luciano Paganucci Queiroz (Universidade Estadual de Feira de Santana)

Marcelo dos Santos Silva (Universidade Estadual de Feira de Santana)

Maria Lenise Silva Guedes (Universidade Federal da Bahia)

Nádia Roque (Universidade Federal da Bahia)

Naira Costa Soares Barbosa (Universidade Estadual de Feira de Santana)

Noélia Costa dos Santos (Universidade Estadual de Feira de Santana)

Rejane Maria Lira-da-Silva (Universidade Federal da Bahia)

Ronaldo Silveira Lyrio (consultor)



AGRADECIMENTOS

Aos pesquisadores e estudantes que contribuíram com os seus trabalhos para a realização dessa obra. E a todos os que amam o Abaeté e lutam pela sua preservação.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

REITOR

Prof. Dr. Angelo Roberto Antonioli

VICE-REITORA

Profa. Iara Maria Campelo Lima

EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

COORDENADOR DO PROGRAMA EDITORIAL

Péricles Moraes de Andrade Júnior

COORDENADORA GRÁFICA DA EDITORA UFS

Germana Gonçalves de Araujo

CAPA, PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA

Guilherme Al-chedyack Kauark

FOTO DA CAPA

Fotógrafo: Fábio Izelli

Abelha *Xylocopa frontalis* em flor de *Passiflora* sp.

CONSELHO EDITORIAL

Antônio Martins de Oliveira Junior

Aurélia Santos Faroni

Fabiana Oliveira da Silva

Germana Gonçalves de Araujo

Luís Américo Bonfim

Mackely Ribeiro Borges

Maria Leônia Garcia Costa Carvalho

Martha Suzana Nunes

Péricles Moraes de Andrade Júnior (Presidente)

Rodrigo Dornelas do Carmo

Samuel Barros de Medeiros Albuquerque

Sueli Maria da Silva Pereira

Este livro, ou parte dele, não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização escrita da Editora. Este livro segue as normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, adotado no Brasil em 2009.



FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

B645b

A biodiversidade nas dunas do Abaeté : patrimônio ambiental urbano [recurso eletrônico] / Fabiana Oliveira da Silva (org.). – São Cristóvão, SE : Editora UFS, 2018.

ISBN 978-85-7822-640-4

1. Biodiversidade. 2. Dunas – Salvador (BA). 3. Abaeté, Lagoa do (BA). I. Silva, Fabiana Oliveira da

CDU 1 574.1(252.331)(813.8)



SUMÁRIO

06 INTRODUÇÃO

08 1. AMBIENTE

14 2. A PAISAGEM

18 3. FLORA

3.1 Plantas de interesse econômico **22**

3.2 Interação entre plantas e abelhas **24**

25 4. FAUNA

31 5. INFLUÊNCIAS ANTRÓPICAS

34 6. AÇÕES PARA A CONSERVAÇÃO

37 REFERÊNCIAS

41 GLOSSÁRIO

46 ANEXOS



INTRODUÇÃO

Há menos de meio século o soteropolitano ouvia falar das dunas e lagoas de Abaeté (palavra de origem indígena que significa “lagoa tenebrosa”) como um morro de dunas brancas, distante, no litoral norte de Salvador; ali próximo havia um farol, na praia de Itapuã, que alertava os navegadores da ameaça que os arrecifes ofereciam às navegações quando o vento fazia o mar bravejar; no entanto, na calmaria, a placidez das águas de azul intenso encantava os aventureiros que se deslocavam do centro da cidade, normalmente, em suas montarias.

O passeio era completo quando se estendia até as lagoas de águas escuras “rodeadas de areias brancas”, frequentadas por moradores das fazendas circunvizinhas; a lagoa

exercia um papel social importante, era ponto de encontro das mulheres que lavavam suas roupas e conversavam sobre tudo e também um dos locais preferidos dos praticantes do candomblé. Privilegiadas eram as crianças destes frequentadores usuais que, livremente, desfrutavam do belíssimo cenário, parcialmente recoberto por plantas frutíferas que saciavam a fome, enquanto brincavam e aguardavam a hora de ir para casa. A lagoa onde tomavam o banho e as plantas das quais colhiam os frutos eram o principal elo entre os pequenos e o ambiente.

Tão “longe” ou de difícil acesso era a lagoa do Abaeté que muitos habitantes da cidade de Salvador jamais a conheceram naqueles tempos, vindo a descobri-la quando já modificada pelas interferências que a urbanização promove, facilitado o acesso pelas vias públicas que surgem a cada dia.

As ondas de areia se espalhavam além dos limites das lagoas, recobrendo parte desta paisagem a vegetação de restinga arbustiva, ora densa ora esparsa, era outro atrativo para os amantes da natureza que ali encontravam espécies que só lá ocorriam, e muitas frutíferas que tornavam o passeio ainda mais agradável.

Mas como está o cenário atual? Apesar de modificado, a beleza continua e ainda hoje o visitante do Abaeté se encanta com a sua paisagem e com as surpresas que

ela ainda é capaz de oferecer. Adentrando as trilhas formadas pela constante passagem dos moradores dos arredores, pode-se desfrutar de um cenário maravilhoso dentro de uma área urbana, na qual muitas plantas ainda florescem e frutificam como dantes. É possível que algumas espécies vegetais não tenham suportado as agressões que a urbanização provoca, tanto que não têm sido encontradas por quem as procuram sabendo que já habitaram estes ambientes ou, quem sabe, estão escondidas nos locais mais protegidos, fugindo aos olhos dos visitantes que por ignorância ou não, agridem diretamente a flora local, retirando exemplares, principalmente das espécies que mais encantam por suas flores, como as orquídeas, bromélias e cactos.

A especulação imobiliária chegou às dunas, mas para nossa satisfação esse ecossistema resiste bravamente e mantém no seu interior características próprias, que garantem a sobrevivência das plantas e animais nativos do local. Assim, convidamos o leitor a conhecer e descobrir os encantos que ainda são possíveis de serem desfrutados na área de dunas e lagoas do Abaeté, cujo verde e branco exuberante, que relaxam e tranquilizam os que têm o privilégio de conhecê-lo, são reforçados pela beleza do pôr-do-sol ou pelas noites quentes de lua cheia.

1. AMBIENTE

Em consequência da mobilização da comunidade civil em defesa da lagoa do Abaeté, foi aprovada, em 1985, pela Prefeitura Municipal de Salvador a criação do Parque Metropolitano das Lagoas e Dunas do Abaeté (Lei nº 3551, de 29 de outubro de 1985). Tendo sido então considerada a área insuficiente para reverter e sanar os problemas cruciais existentes, posteriormente foi proposta a criação, pelo Decreto Estadual n.º 2450/93, da atual Área de Proteção Ambiental (APA) das Lagoas e Dunas do Abaeté, que compreende uma superfície de aproximadamente 1.800 ha. Localizada ao norte de Salvador, Bahia (longitude 38º 21' W e latitude 12º 56' S), abrange os bairros de Itapoã, Stella Maris e Praia do Flamengo (Figura 1), estando a uma altitude de 5 a 15 metros acima do nível do mar.



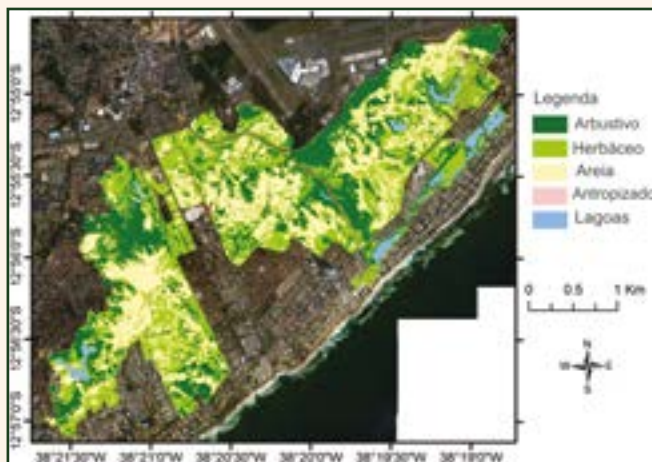


Figura 1: Localização geográfica e tipos de habitats existentes na Área de Proteção Ambiental das Lagoas e Dunas do Abaeté, em Salvador, Bahia. (autores: Fabiana O. Silva, Eduardo F. Moreira, Danilo Boscolo)

Mesmo após a criação da APA das Lagoas e Dunas do Abaeté, a cobertura vegetal original continuou sendo suprimida, resultando em alterações da configuração espacial da vegetação original, especialmente a região dos Bairros de Stella Maris e Flamengo, onde se concentra uma população com maior poder aquisitivo. O remanescente de restinga com 238 hectares localizado em zona de uso específico ($12^{\circ}55'07.19''S$ e $38^{\circ}19'03.78''O$)

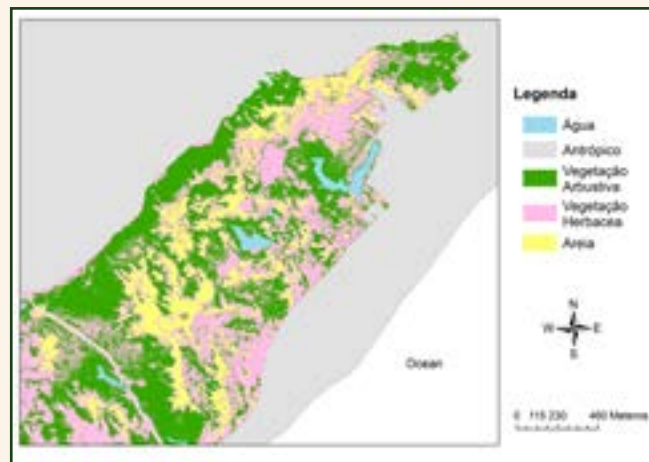


Figura 2: Configuração espacial dos tipos de habitat em 238 ha de área destinada à preservação permanente, localizada entre o bairro do Flamengo e o Aeroporto Luiz Eduardo Magalhães, na APA das Lagoas e Dunas do Abaeté, em Salvador, Bahia. (autores: Fabiana O. Silva, Eduardo F. Moreira, Danilo Boscolo)

da APA (Figura 1), está inserido na área de expansão do Aeroporto Internacional Luiz Eduardo Magalhães (Figura 2), o que aumenta a pressão de destruição sobre este remanescente. Por isso, desde dezembro de 2008, parte desta área foi convertida no Parque das Dunas criado por meio do Decreto Municipal 19.093/08 e, posteriormente, regulamentado pela Lei Municipal Nº 22.507/2011.

A APA das Lagoas e Dunas do Abaeté caracteriza-se pela presença marcante das suas famosas “lagoas escuras rodeadas de areia branca”, tantas vezes cantada por Dorival Caymmi, e que proporcionam uma paisagem singular, de grande beleza. Tudo isso se expressa numa variedade de **biótopos** (Figuras A, B e F) que apesar de apresentarem características próprias se integram perfeitamente (Figura 3 A-F), de forma interdependente, expressando grande diversidade de flora e fauna.





Figura 3. Perspectivas da paisagem evidenciando o mosaico de habitats da Área de Proteção Ambiental das Lagoas e Dunas do Abaeté, Salvador, BA. No remanescente de restinga, entre o Aeroporto Luiz Eduardo Magalhães e os bairros de Stella Maris e Flamengo, representado no mapa da figura 2, ocorrem lagoas perenes (B) e temporárias (A e F); locais mais baixos, entre as dunas, são sujeitos a alagamento ou formação de lagoas temporárias durante o período chuvoso (D); dunas intercaladas com área de areia sem vegetação (E); e áreas antropizadas próximas à borda, expondo o solo argiloso, causadas pela remoção de areia e tráfego de veículos (E).



A área no entorno da lagoa do Abaeté já comportou uma vegetação exuberante de grande porte, abrigando uma alta diversidade de animais, particularmente aves. As lagoas abrigavam, dentre outros animais, pitus (*Macrobrachium* sp) e jacarés. Aos poucos, em virtude dos incêndios frequentes, provocados por caçadores, da rápida ocupação urbana de Itapoã e da expansão do turismo, esse cenário foi sendo modificado, dando lugar a um mosaico de áreas devastadas e manchas de áreas preservadas, como ocorre em outras áreas da APA (Figura 3 E). As areias soltas das dunas, sem proteção da vegetação, em virtude da forte pressão provocada pelo trânsito de pessoas e veículos e da retirada, para a construção civil, foram sendo carreadas para dentro das lagoas provocando o **assoreamento** das mesmas.

As dunas exemplificam um dos ecossistemas complexos que se desenvolvem nas **planícies costeiras**, resultantes da interação terra/mar/ar, recebendo direta ou indiretamente suas influências. O substrato é constituído por areias brancas, finas e quartzosas e com alta porcentagem de grãos angulosos, resultantes da ação **eólica** sobre os sedimentos de origem continental (Figura 3C). Este substrato possui baixa capacidade de retenção de água. De modo geral, há pouca matéria orgânica na superfície, embora ocorra uma fina camada de **húmus** com profundidade variando de 1 a 3 metros.

O clima local é quente e úmido, sem estação seca. A maior concentração das chuvas ocorre nos meses de março a agosto. A temperatura média anual é de 25,3 °C e a precipitação anual de 2.100 mm. Os índices de umidade relativa, na maior parte do ano, são sempre superiores a 70% sendo que, em alguns meses, chegam a ser superiores a 80%. O período mais chuvoso ocorre entre os meses de abril a junho, sendo que nos meses de abril e maio os índices pluviométricos são superiores a 300 mm.

Os valores de insolação são quase sempre superiores a 200 horas anuais, havendo um ligeiro decréscimo entre os meses de março a agosto. Os ventos apresentam direção predominante de sudeste (SE) – alísios, regis-

trando-se também fluxos de leste (E) e nordeste (NE), no verão. A velocidade média máxima pode alcançar 12,9 m/s, nos meses de junho e julho.

As planícies costeiras são caracterizadas pelo modelado aplainado, decorrentes dos processos de oscilação do nível do mar, que originaram os depósitos marinhos; e por feições de dunas resultantes da remobilização de sedimentos arenosos durante períodos de clima acentuadamente mais secos que os atuais.

A faixa costeira ocupada pelas dunas de Abaeté, situada aos pés das **falésias** da Formação Barreiras, originou-se de acumulações pouco espessas de sedimentos não consolidados, de natureza arenosa ou areno-argilosa, ocorridas durante o Quaternário. Em um tempo geológico mais recente (desde o **Pleistoceno** - 3 milhões de anos atrás), as flutuações climáticas e do nível do mar modelaram os depósitos sedimentares não consolidados que margeiam a costa atlântica nordeste da Bahia.

No Estado da Bahia, a região costeira experimentou pelos menos três episódios de **transgressões marítimas**, refletindo o avanço do mar continente adentro. Neste contexto, na região entre Salvador e Lauro de Freitas, desenvolveram-se três gerações de dunas costeiras, estendendo-se por aproximadamente 20 km da faixa litorânea e penetrando 1 a 2 km para o interior do continente.

As dunas do Abaeté representam a primeira geração de dunas costeiras, por isso são mais internas, mais antigas e já fixadas pela vegetação. Em Abaeté, a ação de ventos de Leste e de Sudeste, a presença de vegetação e a topografia acidentada, que caracteriza o substrato rochoso da região de Salvador, são fatores responsáveis pelos episódios de **sedimentação**.

A Lagoa do Abaeté e outras lagoas existentes na área são, também, consequência do processo de gênese das dunas. Elas resultam do represamento natural de antigos rios que foram envolvidos pelas dunas, num processo que durou milhares de anos. Nos últimos 120.000 anos, após o aumento da umidade no litoral, as dunas passaram a contar com sua vegetação típica, fixando-as. A decomposição dos restos de plantas, produzindo **ácido húmico**, e a grande permeabilidade das areias, que permite a passagem das chuvas e auxiliam na dissolução de substâncias orgânicas, fez com que esses ácidos fossem lentamente se acumulando nas lagoas da região, conferindo-lhes a tonalidade escura, muito semelhante à cor do chá preto.

A Lagoa do Abaeté é um lago raso formado entre dunas ao Norte de Salvador (área = 1,62 ha; volume = 18,744 m³, profundidade média = 1,16 m; profundidade máxima = 5,1 m), com a forma aproximada de um bumerangue (Figura 4). O fundo é lamoso e o seu relevo interno segue o prolon-

gamento das dunas adjacentes, com forte inclinação. Estas características e a cor original de suas águas resultaram na crença existente sobre o perigo de nadar nestas águas.

Hoje, as condições ecológicas na Lagoa do Abaeté e outros corpos d'água da APA encontram-se profundamente alteradas (ver o item influências **antrópicas**) e, em alguns deles, dentre os quais se inclui o Abaeté, não é mais possível visualizar em suas águas a antiga cor característica.



Figura 4: A paisagem na Lagoa do Abaeté situada no bairro de Itapuã, em Salvador, BA. (Foto: Lazaro B. Silva).

2. A PAISAGEM

Usualmente, uma paisagem é reconhecida como um amplo espaço com atributos visuais que proporcionam beleza cênica. Historicamente, as ciências humanas a define como a entidade espacial e visual total vivida pelo homem. Já as ciências biológicas percebem a paisagem em função da disposição espacial dos ecossistemas existentes em certa região. Ecologicamente, uma paisagem pode ser definida como um mosaico de ecossistemas com diferentes características biofísicas, os quais interagem entre si através de fluxos de indivíduos ou processos biológicos. Nas dunas do Abaeté, ao invés de uma esperada homogeneidade espacial, o aspecto mais conspícuo da região é a existência de um mosaico de diferentes fisionomias de vegetação onde se sucedem as restingas com moitas, as restingas arbóreas e os brejos, cada uma com uma associação característica de espécies vegetais e animais (ver item sobre flora e fauna).



Nas planícies costeiras distinguem-se regiões, partindo do litoral, caracterizadas por uma zonação topográfica que se reflete na fisionomia da vegetação e nas formas de vida predominantes nas plantas.

As zonas de praia (sujeita a inundações pelas marés) e a anteduna (entre o limite da maré alta e o início das dunas) estão mais próximas ao mar. Nestas duas zonas, a vegetação é muito esparsa e a maior parte da areia é desnuda. Muitas das espécies de plantas que colonizam essas regiões são halófitas, geralmente com folhas e caule suculentos, possuem distribuição pantropical e são dispersas por correntes marítimas. Famílias vegetais comuns nessa faixa são Amaranthaceae, Burmanniaceae, Poaceae, Convolvulaceae e Leguminosae (Tabela 1).

As zonas de dunas e a planície arenosa costeira (“tabuleiro”) estão afastadas do mar e fora da influência das marés. Nestas zonas, predomina a restinga, vegetação litorânea de porte arbustivo até arbóreo, localizada entre a praia e a Mata Atlântica adjacente, a qual apresenta estrutura bastante diferenciada devido à forte influência da **topografia**. No tabuleiro, predomina a restinga arbórea, com porte elevado, sub-bosque denso e dossel contínuo a cerca de 7-8 m de altura.

A restinga arbustiva sobre as dunas, por outro lado, exibe porte muito mais baixo e ocorre na forma de moitas, rodeadas por extensas áreas desnudas de areias brancas,

com ou sem a presença de vegetação herbácea rala, que ocupam cerca de 50% da zona preservada dentro da APA do Abaeté (Figura 3 A-F). Essas moitas são formadas geralmente por arbustos **perenifólios** profusamente ramificados, referidas na literatura como “**thickets**” e que funcionam como ilhas ecológicas (Figura 5 A, C, E e G).

As áreas de restinga arbustiva ou arbórea ocupam cerca de 40% das áreas naturais remanescentes da APA e são compostas por manchas isoladas as quais possuem tamanhos variados, a maioria entre 4 e 550 m² (Figura 3 D). Por proporcionarem aporte de matéria orgânica ao solo, refúgio à biodiversidade e diferentes tipos de recursos naturais, as moitas podem abrigar grande diversidade de espécies animais e vegetais. Essa diversidade tende a aumentar nas restingas arbóreas, as quais geralmente ocupam maior área.





B



C



D



E



F



G



H

Figura 5: Parte vegetativa e detalhe das inflorescências de espécies arbustivas formadoras de moitas e importantes no aporte e acumulação de serapilheira da restinga da APA das Lagoas e Dunas do Abaeté – *Byrsonima microphylla* (A e B), *Davilla flexuosa* (C e D), *Protium bahianum* (E e F), *Manilkara salzmanii* (G e H). (Foto: A-G Josenilton Alves Sampaio, H – Fábio Izelli)

O aumento na riqueza de espécies vegetais em moitas maiores promove também maior diversidade de habitats em relação às moitas menores. Estas, porém, possuem grande importância ecológica neste ambiente por diminuir a distância entre as restingas maiores e os tabuleiros aumentam a conectividade entre os habitats com vegetação herbácea e arbustiva.. Isso possibilita a movimentação na paisagem de espécies exclusivas da restinga, principalmente animais não voadores, e que possuem dificuldade em sobreviver ou se deslocar por grandes extensões de areia. Essa possibilidade de movimentação garante o fluxo de indivíduos entre as moitas, fato de grande importância para a reprodução e manutenção em longo prazo dessas espécies.

Em algumas áreas, especialmente nos vales mais profundos, a vegetação é mais densa, semelhantes às restingas arbóreas do tabuleiro. Em menor escala (cerca de 3% da APA), em áreas onde o subsolo é menos permeável, desenvolvem-se brejos **oligotróficos**, onde são comuns espécies **paludosas** e algumas plantas **saprófitas** ou carnívoras.

Esta alternância entre moitas arbustivas e vegetação herbácea domina a paisagem da maior parte da área da APA das Lagoas e Dunas do Abaeté, como evidenciado pelo mapa do remanescente de restinga na porção nordeste, a mais conservada de toda a APA (Figuras 1 e 2).



Byrsonima microphylla A. Juss

3. FLORA

A flora fanerogâmica do Abaeté é representada por 380 espécies de angiospermas, pertencentes a 234 gêneros de 77 famílias. Destas espécies, 35% pertencem as famílias Fabaceae (49 spp.), Rubiaceae (29 spp), Cyperaceae (27 spp.) e Asteraceae e Euphorbiaceae (21 spp., cada) (Tabela 1). Na área remanescente (Figura 2), foram registras, 95 espécies nas moitas, sendo mais abundantes e frequentes as arbustivas *Davilla flexuosa*, *Byrsonima microphylla*, *Manilkara salzmanii*, *Protium bahianum*, as quais se destacam no aporte e acumulação de serapilheira (matéria orgânica depositada sobre o solo) (Figura 5).

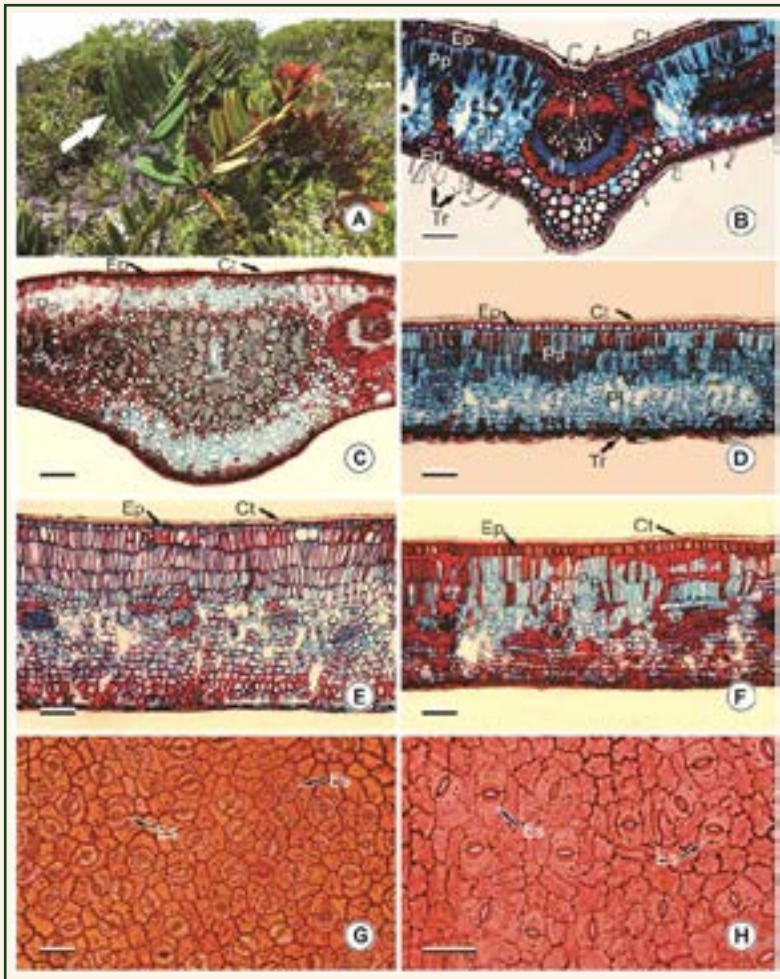


Além da alta diversidade de espécies por área, outro aspecto que chama a atenção em relação à flora é o número elevado de espécies com distribuição restrita, as quais ocorrem em diferentes famílias botânicas como, por exemplo, Fabaceae (*Chamaecrista salvatoris*, *Mimosa carvalhoi*, *Moldenhawera nutans* e *Poecilanthus itapoana*), Erythroxylaceae (*Erythroxylum leal-costae*), Lamiaceae (*Eriope blanchetii*), Calophyllaceae (*Kielmeyera reticulata*, *K. neglecta*), Arecaceae (*Bactris soeiroana*), Bromeliaceae (*Hohenbergia littoralis*), Orchidaceae (*Koellensteinia abaetana*), Euphorbiaceae (*Euphorbia gymnoclada*) e Lauraceae (*Ocotea thinicola*), sendo que esta última foi descrita em 2011. A existência destas espécies endêmicas e de diferentes famílias pode indicar que a flora local se desenvolveu em relativo isolamento durante o Quaternário, possibilitando o aparecimento de novas espécies restritas a essa região.

Quanto às formas de vida e adaptações das plantas, observa-se uma grande diversidade de estratégias de sobrevivência, havendo predomínio de fanerófitas (Tabela 1). Os principais fatores ecológicos que limitam o crescimento das plantas são os que contribuem para que o ambiente apresente um balanço hídrico negati-

vo: pequena capacidade de retenção de água pelo solo associada à forte ação dos ventos marinhos, salinidade provocada pela ação de aerossóis e elevada insolação. Além disso, o solo é **oligotrófico**.

Assim, as plantas das dunas apresentam características que reduzem as taxas de transpiração, apesar de não haver uma estação seca definida. Predominam então, dentre as espécies vegetais das dunas, arbustos com tronco bastante ramificado e folhagem perene. Em muitas espécies as folhas são **revolutas** contribuindo para a redução da área foliar exposta à transpiração e, consequentemente, a perda de água pela planta (Figura 6). Além disso, em muitas espécies as folhas apresentam tecidos especiais de armazenamento de água (parênquima aquífero), e um tecido paliádico bastante compacto e geralmente com um grande número de camadas ou apenas uma ou duas camadas que normalmente ocupam mais da metade da área foliar do **mesófilo**, principal centro do processo fotossintético (Figura 6D, E).



Outra característica comum em plantas que vivem nesta região é a formação da cutícula, constituída por várias camadas de cutina. Essa cutícula, muitas vezes ornamentada e de caráter taxonômico, auxilia na reflexão da luz solar. Camadas mais espessas de cera na superfície das folhas (Figura 6 B - F) lhes conferem ainda um aspecto brilhante, que além de aumentar a reflexão da luz solar (daí o brilho das folhas), juntamente com a epiderme, que também se apresenta espessa, auxilia na impermeabilização da superfície foliar, evitando uma elevada evapotranspiração que também pode ser minimizada pela presença de tricomas (Figura 6 B, D), que em grande quantidade pode indicar excesso de luminosidade do ambiente.

Figura 6: Aspectos de folhas de espécies vegetais da APA das Dunas do Abaeté, Salvador, Bahia. (A) Folhas de *Agarista revoluta*, com margem revoluta (seta). (B) Seção transversal da nervura principal de *A. revoluta* (Ericaceae). (C) Seção transversal da nervura principal de *Kielmeyera coriacea* (Calophyllaceae). (D) Seção transversal do limbo de *Emmotum affine* (Icacinaceae). (E) Seção transversal do limbo de *Kielmeyera reticulata* (Calophyllaceae). (F) Seção transversal do limbo de *Manilkara salzmannii* (Sapotaceae). (G) Seção paradérmica abaxial de *Erythroxylum leal-costae* (Erythroxylaceae). (H) Seção paradérmica abaxial de *Davilla flexuosa* (Dilleniaceae). Ct: cutícula, Ep: epiderme, Es: estômato, f: fibra, Fl: floema, Fv: **feixe vascular** (floema + xilema), Pl: parênquima lacunoso, Pp: parênquima paliádico, Tr: tricoma, Xi: xilema. Barras C: 200 µm; B, D-F: 100 µm; G-H: 50µm. (Foto: LAVIM/IBIO/UFBA).

Os estômatos, em geral presentes nas folhas, estão relacionados com a entrada e saída de gases e vapor d'água. Na maioria das espécies são encontrados na face inferior da folha (abaxial), podendo não se apresentar no mesmo nível das células da epiderme. Dessa forma, ficam menos expostos as condições do ambiente diminuindo, assim, a perda de água. Os estômatos são mais numerosos em espécies de ambientes xéricos, o que ocasiona um microambiente entre a epiderme e o meio ambiente pela liberação excessiva do vapor d'água. A presença de grande quantidade de esclerênquima (fibras) é uma característica comum em plantas xerófitas, sendo interpretada como estrutura capaz de reduzir os efeitos danosos resultantes do murchamento. Essas fibras podem ser encontradas no mesófilo e na nervura central, circundando o **feixe vascular**.

Se, por um lado, as plantas têm estratégias para reduzir a transpiração, por outro elas possuem características para aumentar a absorção da água. Por isso, muitas espécies apresentam órgãos subterrâneos bastante desenvolvidos, como ocorre em todas as lenhosas e em algumas herbáceas, os quais são muito maiores que as partes aéreas e alcançam um comprimento de cinco metros ou mais. Tipo similar de sistema radicular é também encontrado na vegetação do cerrado e no deserto do Saara. Além de aumentar a superfície de absorção de água, o extenso sistema subterrâneo ainda contribui para uma fixação mais eficiente das plantas em substratos instáveis, como são as areias litorâneas.

As plantas que levam ao extremo as estratégias de retenção de água são as suculentas. Na flora das dunas, elas são representadas por diversas formas de vida características. Uma delas é a das bromélias (Figura 7), com folhas amplas e rígidas, geralmente formando copos na base, onde se acumulam águas pluviais.

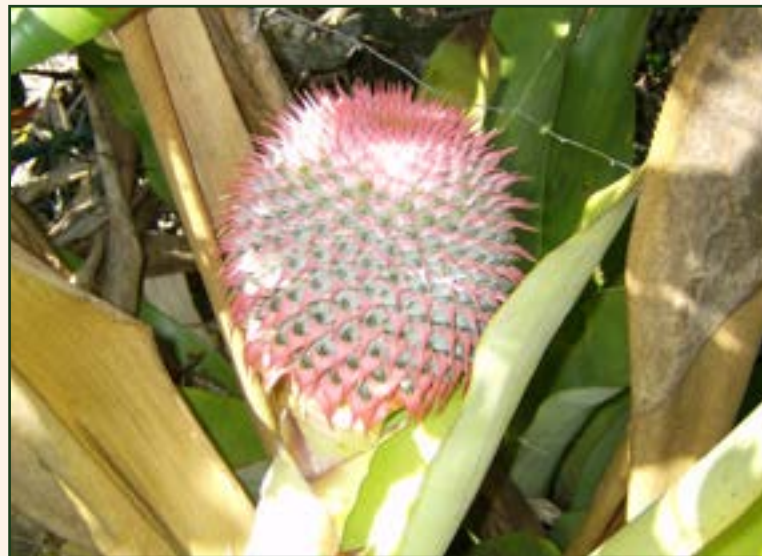


Figura 7: Inflorescência e visão parcial das folhas em roseta de *Aechmea multiflora* (Bromeliaceae) na APA do Abaeté, Salvador, BA. (Foto: Josenilton Alves Sampaio).

As orquídeas (Figura 8 A e B) representam outro grupo importante de suculentas, com folhas, algumas também com **pseudobulbos** carnosos e um tipo especial de tecido na raiz.

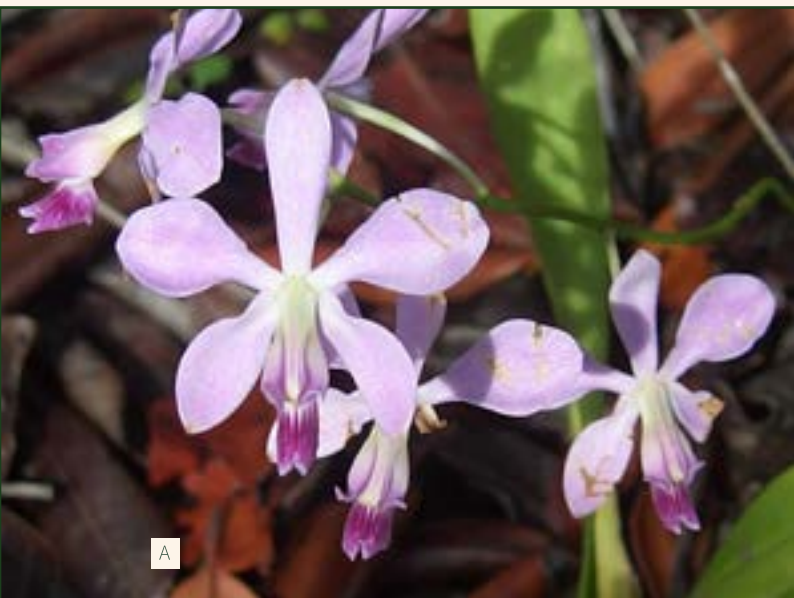


Figura 8: Inflorescências de *Encyclia dichroma* (A) e *Vanilla bahiana* (B) (Orchidaceae) que ocorrem na APA das Dunas do Abaeté, Salvador, BA. (Foto: Josenilton Alves Sampaio).

Também ocorrem suculentas áfilas, nas quais a função fotossintetizante foi totalmente transferida para o caule. Nas dunas, são representadas por cactáceas (*Cereus fernambucensis* - mandacaru-da-praia, e *Melocactus salvadorensis* - cabeça-de-frade) e euforbiáceas (*Euphorbia gymnoclada*) (Tabela 1).

3.a - Plantas de interesse econômico

A restinga do Abaeté apresenta espécies de valor comercial, com potencial madeireiro e outros usos, as quais são exemplificadas na listagem apresentada na tabela 2. Além de sua importância comercial, a biodiversidade vegetal

fornece sementes e/ou mudas para reprodução e repovoamento em outras áreas de dunas com características semelhantes, ressaltando a importância para este ecossistema.

Com vistas à preservação do potencial madeireiro, foram realizados estudos, especialmente em relação à anatomia do lenho, em espécies locais. A estrutura da madeira observada em seção transversal (é como se cortássemos o tronco e olhássemos de cima, observando-o por dentro) (Figura 9 A-H), permite a visualização dos vasos, por onde a água e os sais minerais passam no sentido vertical às fibras, responsáveis pela sustentação da planta, e dos parênquimas (radial e axial) responsáveis, principalmente, pela reserva de substâncias.

Figura 9: Seções transversais do caule de espécies da APA das Dunas do Abaeté, Salvador, Bahia. (A) *Davilla flexuosa* (Dilleniaceae); (B) *Erythroxylum leal-costae* (Erythroxylaceae); (C) *Hancornia speciosa* (Apocynaceae); (D) *Inga capitata* (Fabaceae); (E) *Inga pleiogyna* (Fabaceae); (F) *Kielmeyera reticulata* (Calophyllaceae); (G) *Agarista revoluta* (Ericaceae); (H) *Macrolobium rigidum* (Fabaceae). f: fibra, p: parênquima axial, r: raios, v: vasos. Barras A, G e H: 500 µm; B – D, F: 200 µm; E: 100 µm. (Foto: LAVIM/IBIO/UFBA).



3.b - Interação entre plantas e abelhas

Muitas espécies vegetais de restinga são fonte de recurso para insetos nectarívoros e dependem da **polinização cruzada** realizada pelos **polinizadores** para se reproduzirem, tais como as espécies dióicas e auto-incompatíveis. Na área remanescente, distribuídas em 43 moitas de restinga, foram registradas 95 espécies visitadas por insetos (Tabela 3). Entre as espécies polinizadas por abelhas, 75 são visitadas por abelhas mamangavas (gênero *Xylocopa* spp.), sendo esta espécie o potencial polinizador de muitas delas, especialmente daquelas com anteras poricidas (ex. *Comolia ovalifolia*, *Lepidaploa edmundoi*, *Chamaecrista ramosa*) (Figura 10). Algumas plantas, tais como *Byrsonima microphylla* (Figura 5 B), e *Stigmaphyllon paralias*, produzem óleos florais coletados por abelhas do gênero *Centris* spp., os quais são visitantes florais especializados na coleta desse recurso.

Neste ambiente, mesmo as espécies com morfologia floral especializada a determinados visitantes, mantêm características generalistas. Desse modo, plantas e abelhas especialistas tendem a se associarem com grupos generalistas, como ocorre em outros ambientes envolvendo a relação entre plantas e polinizadores.



Figura 10: Plantas dependentes de polinização cruzada e com anteras poricidas *Comolia ovalifolia* (A); *Chamaecrista ramosa* (B); *Tibouchina bradeana* (C) visitadas por abelhas mamangavas na APA das Lagoas e Dunas do Abaeté, Salvador, BA. (Foto: Fábio Izelli)

4. FAUNA

A riqueza faunística é significativa, principalmente de insetos e répteis, constituindo um verdadeiro santuário silvestre da região. Os animais apresentam grande mobilidade bem como habilidade de enterrar-se na areia rapidamente. Dentre os invertebrados, predominam os **artrópodes**, especialmente insetos e aracnídeos, os quais são elos intermediários de complexas **cadeias tróficas**, de **detritívoros** a **predadores** altamente especializados. Muitos vivem no interior das dunas, exibem hábito noturno e camuflam-se com areia. Outros vivem associados à vegetação, como consumidores primários, vetores de pólen e/ou dispersores de sementes. Para se ter uma ideia da importância ecológica dos animais para a manutenção



desse ecossistema, observe-se que 42,7% das plantas têm frutos dispersos por animais e mais de 80% delas dependem de insetos para o transporte de pólen e, conseqüentemente, para a sua reprodução.

Dentre os insetos, destacam-se as abelhas, principais agentes polinizadores das plantas com flores, responsáveis pela manutenção de muitos ecossistemas naturais e pela produção de frutos e grãos que nos alimentam. Em levantamento realizado na área foram encontradas 43 espécies de abelhas, com predominância de espécies de porte corporal robusto, hábito **solitário** e ampla distribuição geográfica. As espécies do gênero *Xylocopa* spp. (tribo Xylocopini), conhecidas como abelhas carpinteiras (Figura 11), são capazes de forragear em condições abióticas adversas (ventos fortes e alta intensidade luminosa). Essas abelhas são residentes das dunas e constroem seus ninhos em ocos da espécie arbustiva *Agarista revoluta* (Ericaceae) (Figura 12) e possuem larga capacidade de movimentação.

Outras abelhas grandes que se destacam nas dunas são espécies coletoras de óleos florais, dos gêneros *Centris* e *Epicharis* (tribo Centridini) (Figura 13), mas, diferentemente de *Xylocopa*, essas abelhas constroem seus ninhos na areia branca das dunas.



Figura 11: Abelhas mamangavas (*Xylocopa* spp) visitando flores de *Lepidaploa arenaria* (A); *Coccoloba ramosissima* (B), *Passiflora edulis* (C) e *Cuphea brachiata* (D), na área da APA das lagoas e dunas do Abaeté, Salvador, BA. (Foto: A-B - Josenilton Alves Sampaio; C-D – Fábio Izelli)

Apis mellifera, conhecida como abelha européia ou africanizada, é também frequentemente observada nas flores de espécies com **floração massal**, como *Humiria balsamifera*, *Leptolobium bijugum*, *Tapirira guianensis*, dentre outras. Porém, é raro encontrar um ninho dessa espécie nas dunas, de modo que estas podem residir em habitats adjacentes.

As abelhas eusociais nativas, que dependem de cavidades preexistentes para construir os seus ninhos, são raras localmente. Aparecem nas flores esporadicamente, quase sempre perdidas ou trazidas pelo vento, vindas de ecossistemas adjacentes. Já as espécies que constroem ninhos aéreos como *Trigona spinipes* (conhecidas popularmente por irapuá ou arapuá), são relativamente comuns no Abaeté.

Os Aracnídeos estão representados principalmente pelos escorpiões e aranhas. Foram registrados 4 espécies de escorpiões agrupados em 2 famílias (Bothriuridae e Buthidae). A família Bothriuridae está representada por apenas uma espécie (*Bothriurus asper*), um escorpião pequeno que se oculta durante o dia em galerias não muito profundas, chamadas de “câmaras de gestação”.

A espécie da família Buthidae mais comumente encontrada é, provavelmente, nova para a ciência e pertence ao gênero *Ananteris*. A ocorrência desse gênero no Abaeté representa uma ampliação na sua área de distribuição, uma vez que era referido apenas para o Brasil Central. Duas espécies de *Tityus* são encontradas na área: *T. matogrossensis* e *T. stigmurus*. Esta última espécie possui interesse médico, sendo a que mais provoca acidentes na cidade do

Salvador. Sua ocorrência na área deve estar associada à sua capacidade de **adaptação** a ambientes antropizados e, seguramente, deve ser encontrado na região limítrofe com habitações humanas.



Figura 12: Ninhos de mamangavas (*Xylocopa* spp) escavados em troncos e galhos secos de *Agarista revoluta* (Ericaceae) na APA do Abaeté, Salvador, BA. Fêmea no interior do ninho (A); fêmea escavando um novo ninho (B); fêmea retornando ao ninho (C). (Fotos: Josenilton Alves Sampaio).



Figura 13: Abelha do gênero *Centris* (tribo Centridini) coletoras de óleos florais em espécies de *Byrsonima* spp (Malpighiaceae), na área da APA das lagoas e dunas do Abaeté, Salvador, BA. (Foto: Josenilton Alves Sampaio).

A fauna de aranhas de Abaeté está, até o momento, representada por 12 famílias. Lycosidae é a família mais comum de aranhas errantes que podem viver em buracos que elas escavam ou reutilizam, sendo estes últimos construídos por outros animais. São de coloração parda, cinza, castanha, com manchas negras e brancas e o tamanho pode ultrapassar 30 mm.

Outra família importante na área é a Ctenidae que inclui o único gênero de aranha perigosa para o homem, a aranha-armadeira (*Phoneutria bahiensis*), a qual torna-se agressiva quando molestada. Seu veneno é **neurotóxico**,

porém não há registros de casos de acidente por esta aranha na área do Abaeté, talvez por ela estar associada com a vegetação, principalmente em **bromeliáceas**, e ser de hábito noturno, tornando raro o encontro com o homem.

A fauna de vertebrados terrestre é predominantemente representada por répteis (serpentes e lagartos). Ocorrem 15 espécies de serpentes distribuídas em quatro famílias: Boidae, Colubridae, Elapidae e Viperidae.

A família Boidae reúne as grandes serpentes **constritoras** e sem presas inoculadoras de veneno. Destaca-se *Boa constrictor*, conhecida popularmente como jibóia, que pode alcançar 4 m de comprimento e *Eunectes murinus*, a sucuri, que é um dos maiores ofídios do mundo podendo atingir mais de sete metros de comprimento. Esta espécie é noturna e tem hábito estritamente aquático, ocorrendo em lagoas perenes embora, ocasionalmente, desloque-se à terra em busca de alimento (aves, mamíferos ou peixes) e para parir os filhotes.

No Abaeté foram registradas 11 espécies da família Colubridae, dentre essas a mais comumente encontrada nesta região é cobra verde ou cipó (*Philodryas olfersii*). É considerada uma serpente de interesse médico por provocar envenenamento com quadro clínico leve, exigindo apenas tratamento sintomático.

A cobra coral (*Micrurus lemniscatus*) pertencente a família Elapidae é uma espécie de hábito fossorial (vivendo embaixo da terra), comum na região do litoral da Bahia. É uma serpente peçonhenta, mas que provoca menos de 1% dos acidentes ofídicos na Bahia.

A única espécie da família Viperidae é a cascavel (*Crotalus durissus cascavella*), facilmente reconhecida pela presença do guizo ou chocalho. É uma serpente de mais alta importância médica por apresentar a maior letalidade dentre todos os acidentes ofídicos.

A saurofauna (lagartos) é representada por 10 espécies distribuídas em cinco famílias. A família Gekkonidae está representada pelas espécies *Borgetia lutzae* e *Hemidactylus mabouia*, em geral, são lagartos noturnos de pequeno tamanho, olhos com pupilas verticais, corpo deprimido, membros desenvolvidos e cauda robusta. Estas espécies vivem associadas a troncos, cascas de árvores e bromélias e alimentam-se de artrópodes terrestres.

Iguana iguana (família Iguanidae) é arborícola e de tamanho relativamente grande quando adulto. Nas fases de filhote e juvenil alimenta-se de artrópodes em geral e, quando adultos, são herbívoros. Sua coloração, caracteristicamente verde, pode sofrer ligeira mudança por

influência dos raios solares em seus pigmentos cutâneos (**camuflagem**). Por esta razão, são vulgarmente chamados de camaleões.

Tropidurus hispidus e *T. hygomi* (família Tropiduridae) são animais com o corpo robusto e deprimido, membros longos e cauda relativamente curta. Uma característica marcante em algumas espécies é a presença de bolsas de ácaros na região do pescoço ou inguinal. São espécies diurnas, ativas nas horas mais quentes do dia e **territorialistas**. Passam a maior parte do tempo parados em um ponto elevado de seu território, de onde localizam presas, deslocando-se rapidamente para capturá-las. São espécies **generalistas** alimentando-se de diversos grupos de artrópodes, podendo apresentar certo grau de **herbivoria**.

Tupinambis teguixin, *Ameiva ameiva*, *Cnemidophorus* sp e *C. occelifer* (família Teiidae) caracterizam-se por apresentar corpo cilíndrico, alongado e membros e cauda longos e robustos. Esses lagartos são similares em forma mas não em tamanho - cada uma delas é uma versão maior que a anterior (*T. teguixin* é a maior e *C. occelifer* a menor). São essencialmente **terricolas** e ativos **forrageadores**. *Cnemidophorus* sp. e *A. ameiva* habitam áreas francamente abertas, sendo encontrados principalmente nas bordas e clareiras da mata interdunar. *T. teguixin*,

é o maior lagarto desta família no Brasil, o qual vive no interior da **restinga**, habitando tocas. Possui território bastante extenso e dieta basicamente **carnívora**, podendo se alimentar desde artrópodes até pequenos vertebrados (sapos e outros pequenos lagartos).

Mabuya macrorhyncha (família Scincidae) é um lagarto de tamanho geralmente pequeno, corpo cilíndrico e alongado, membros bem desenvolvidos, cauda longa, pescoço pouco evidente e corpo coberto com escamas lisas, com aspecto brilhante. É diurno, ativo durante todo o dia e vivíparo. Vive junto ao chão, subindo regularmente no tronco de árvores e cupinzeiros. Preferem locais moderadamente ensolarados e alimentam-se de uma grande variedade de artrópodes (principalmente cupins, grilos, gafanhotos e formigas) e, ocasionalmente, pequenos vertebrados.

5. INFLUÊNCIAS ANTRÓPICAS

As dunas eram no passado, consideradas lugares sem dono, e praticamente qualquer pessoa que não tivesse onde morar construía a sua casa nessas acumulações arenosas e, com o tempo, estas invasões foram referendadas com o fornecimento de energia elétrica e água tratada. Esta prática chegou até mesmo a ser registrada no cancionário popular, através da música de Dorival Caymmi, que diz “eu não tenho onde morar é por isso que eu moro na areia”.



Desde os anos 60, grande parte desses campos de dunas e lagoas interdunares vem sofrendo intensa destruição mantendo-se preservados, em Salvador, poucos trechos do complexo de dunas do bairro Stiep e da APA do Abaeté, que antes se estendiam ao longo de aproximadamente 15 km de faixa litorânea com 1 ou 2 km de largura da praia para o interior do continente.

O entorno da lagoa do Abaeté foi sendo gradualmente ocupado, estimulado pela proximidade do mar que proporcionava obtenção de alimento das populações através da pesca marítima e, até mesmo, no sistema de lagoas das restingas; como também, a possibilidade do estabelecimento de atividades de comércio informal; prestação de serviços como lavagem de roupas, jardinagem e apoio às atividades turísticas.

Iniciou-se também, a caça predatória e a prática do velho costume de manutenção de animais em cativeiro com especial referência às aves, que não somente eram mantidas nas residências, como também, eram comercializadas.

Ao longo desses anos, as pressões antrópicas na área ainda são intensas, no sentido de adensamento do uso e ocupação do solo, o que exigiu a ação do poder público para a conservação desse ambiente, intervenção que foi e continua sendo dificultada pelo fato da APA estar

inserida numa área urbana. Assim, infelizmente, podemos enumerar diversos impactos negativos ocorrentes ao longo do tempo como:

1. Retirada de areia para uso na construção das casas na cidade de Salvador. A construção sobre as dunas associada à retirada de areia interfere na movimentação do substrato arenoso, o que por sua vez impede a queda suave das dunas, provocando sérias erosões.
2. Disposição inadequada de lixo
3. Retirada de plantas ornamentais, especialmente orquídeas e bromélias
4. Ocupação irregular do solo em diversos pontos para a implantação de loteamentos fraudulentos
5. Implantações de grandes projetos hoteleiros sem estudos de impacto ambiental
6. Aterro de lagoas da Represa Olhos D'água e de parte do Rio do Bispo
7. Introdução de tilápias na lagoa do Abaeté, sem considerar os impactos desta espécie exótica sobre a **ictiofauna** nativa.
8. Incêndios causados, principalmente, pelas pontas de cigarros atiradas à meio da vegetação em períodos de estiagem.
9. Pisoteio excessivo da vegetação herbácea resultante do trânsito elevado de pessoas.

10. Destruição de remanescentes da restinga para a implantação do Aeroporto Deputado Luis Eduardo Magalhães. A retirada da cobertura vegetal desestabiliza as dunas. A ação do vento sobre a areia móvel poderá cobrir de areia os brejos, lagoas e restingas, gerando uma paisagem desértica. Essa areia, soprada pelo vento, nas imediações de um Aeroporto poderá afetar as turbinas dos aviões. Uma vez iniciada a movimentação das dunas não se consegue mais detê-las.

Além dos impactos diretos sobre o entorno da Lagoa do Abaeté, as águas da lagoa também sofreram com a ação humana. As populações que ocuparam o entorno da lagoa despejavam os seus esgotos diretamente nas águas e, além disso, as águas utilizadas pelas lavadeiras para a lavagem das roupas também tinham como destino final a Lagoa do Abaeté. Tanto as águas de lavagem das roupas quanto os esgotos, contêm substâncias que funcionam como adubo para as microalgas que vivem em suspensão nas águas das lagoas. A este fenômeno de aumento da concentração de nutrientes em ambientes aquáticos é chamado de **eutrofização**, o qual causa alterações marcantes nas características limnológicas destes ambientes.

No caso da Lagoa do Abaeté, a eutrofização provocou alterações nas características naturais da água e nas comunidades que nela vivem. Ainda em 1990, a Lagoa

do Abaeté era um ambiente de água escura (cor de chá preto), levemente ácida e com concentração baixa de nutrientes, o que chamamos de um ambiente distrófico. Já em 1995, com o aumento da concentração dos nutrientes, as águas passaram a ter uma cor esverdeada em função do aumento da concentração de um tipo de microalga, a qual passou a ser o principal organismo responsável pelo processo fotossintético no ambiente, causando a mudança de cor das águas, de escuras para esverdeadas. Com o aumento do processo fotossintético, as águas deixaram de ser ácidas e passaram à condição de alcalinas e houve um aumento considerável dos nutrientes, bem como houve uma redução na riqueza das espécies de microalgas, ou seja, hoje, a Lagoa do Abaeté é um ambiente eutrófico.

6. AÇÕES PARA A CONSERVAÇÃO

A criação da APA das Lagoas e Dunas de Abaeté teve como objetivo proteger esse ambiente de grande fragilidade, cujo equilíbrio dependia de um manejo adequado. Vale ressaltar que dentre os critérios utilizados para decretação da APA, destacam-se a proteção da cobertura vegetal existente nas dunas fixas; a conservação da vegetação nativa das dunas que, hoje, fazem parte dos últimos remanescentes deste ecossistema em Salvador, pois outros já foram totalmente destruídos; a proteção do uso da área como rota migratória de algumas espécies de aves como a pardela (*Procellaria aequinoctialis*), além de as-



pectos como a pressão habitacional na área por invasões, implantação de loteamentos; grandes projetos hoteleiros (sem estudos de impactos ambientais); retirada de areia para construção; a retirada de orquídeas e outras plantas ornamentais; os incêndios; a caça, a implantação de barracas para fins comerciais, dentre outros fatores prejudiciais, fortemente impactantes.

A urbanização e a recuperação paisagística do Parque Metropolitano do Abaeté, com arborização e gramado e recuperação da vegetação nativa, teve como objetivo a preservação deste patrimônio ambiental e turístico, que vinha sofrendo um intenso processo de ocupação desordenada.

O fluxo turístico que este marco atrai é extremamente representativo quando se procura desenvolver uma indústria turística no Estado da Bahia. Este belo visual é desfrutado por milhares de pessoas, que buscam este referencial homem-natureza, indicando que uma civilização urbana desenvolvida deve conviver harmoniosamente com a natureza.

Porém a atividade turística também pode provocar impactos negativos. Por exemplo, é necessário reduzir os **decibéis** emitidos pelos equipamentos de sons pesados, como foi observado, de forma que minimize os impactos negativos sobre a fauna, visto que este é um fator de aguçamento e estresse dos mesmos.

Os guias devem estar preparados para a questão de Educação Ambiental, para orientarem os turistas para que não poluam o ambiente principalmente quando estes são frágeis, como é o caso do Parque do Abaeté. A reforma do Parque do Abaeté mudou a situação de degradação progressiva, porém os equipamentos de apoio não deveriam interferir no aspecto paisagístico natural do local.

A qualidade de produtos e de serviços é outro fator indispensável na atividade turística. Se o turista sai insatisfeito, provavelmente não retornará e irá influenciar na escolha de outros turistas, que poderão mudar de roteiro. Isso implica na diminuição da demanda para esses locais, interferindo negativamente na economia. Por outro lado, com o aumento da atividade turística, de modo sustentável, a renda gerada poderá ser revertida em ações locais de preservação da área, com investimentos também em pesquisas científicas.

A criação do Parque das Dunas de Salvador (UNIDUNAS) em 2008, Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP), destaca-se como ação de conservação relevante dos ecossistemas de dunas, lagoas e restingas da APA do Abaeté. Em 2013, durante a 23ª reunião do Conselho Nacional da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, recebeu o título de posto Avançado da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica (RBMA) – UNESCO, em reconhecimento

a sua importância na proteção da biodiversidade, desenvolvimento sustentável e do conhecimento científico e tradicional sobre a Mata Atlântica. A gestão do Parque está sob a responsabilidade do ambientalista Jorge Santana o qual atua com recursos próprios e doações de colaboradores, ou seja, sem o auxílio de verbas públicas. O Parque das Dunas está aberto à visitação pública e realiza atividades educativas e de pesquisa, as quais estão listadas no site da UNIDUNAS (<http://unidunas.com.br/>).

além da ferramenta representada pela atribuição do título de reserva da biosfera, o fortalecimento da parceria entre os diversos setores da sociedade é a estratégia mais eficaz para consolidar valores e práticas amigáveis a biodiversidade, de modo a encontrar soluções mais compatíveis com a conservação ambiental da área e do seu entorno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A conservação da cobertura vegetal das dunas atua como tampão, evitando que os ecossistemas marginais sejam destruídos, e refúgio para a biodiversidade de animais e plantas, impedindo que muitas espécies desapareçam, antes mesmo de serem conhecidas. Assim, faz-se necessário estabelecer ações em curto prazo a fim de sustar o processo de degradação dos ecossistemas da APA das Lagoas e Dunas do Abaeté.

A riqueza natural das dunas do Abaeté, só será garantida aos nossos filhos se fizermos algo para isso. Contemplar a beleza e a riqueza de um ambiente natural requer responsabilidade para mantê-lo o mais natural possível. Para isso,

REFERÊNCIAS

- ALVES, M. et al. **Levantamento Florístico de um remanescente de Mata Atlântica no litoral norte do estado da Bahia, Brasil.** Hoehnea, Porto Alegre, v. 42, n. 3, p. 581-595, jul-set. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-89062015000300581&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em: 28 jul. 2017.
- APG IV. **An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants:** APG III. Botanical Journal of the Linnean Society, London, n. 181, p.1-20, jan. 2016.
- AUDI, E. A. et al. **Preliminary evaluation of Kielmeyera coriacea leaves extract on the central nervous system.** Fitoterapia, Rio de Janeiro, v. 73, n. 6, p. 517-519, out. 2002.
- BARROSO, M. G. et al. **Frutos e sementes:** morfologia aplicada à sistemática de dicotiledôneas. Viçosa: Editora UFV, 1999.
- BRASIL. **Resolução CONAMA nº 303, de 20 de março de 2002.** Diário Oficial da União, Poder executivo, Brasília, DF, 13 de maio de 2002. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/port/conama/res/res02/res30302.html>>. Acesso em: 28 jul. 2017.
- BRITTO, I. C. et al. **Flora fanerogâmica das dunas e lagoas de Abaeté, Salvador, Bahia.** Sitientibus, Feira de Santana, n. 11, p. 31-46, jun. 1993.
- CONCEIÇÃO, Abel Augusto et al. 2007. **Reproductive phenology, pollination and seed dispersal syndromes on sandstone outcrop vegetation in the “Chapada Diamantina”, northeastern Brazil:** population and community analyses. Revista Brasileira de Botanica, São Paulo, v. 30, n. 3, p.475-485, jul-set. 2007.
- CONDER. **Zoneamento Ecológico Econômico da Área de Proteção Ambiental das Lagoas e Dunas de Abaeté.** Salvador: CONDER, 1997.
- COSTA, C. N. ET AL. **Biologia reprodutiva de espécies simpátricas de Malpighiaceae em dunas costeiras da Bahia, Brasil.** Revista Brasileira de Botanica, v. 29, n. 1, p. 103-114, jan.-mar. 2006.
- COSTA, J. A. S.; RAMALHO, M. **Ecologia da Polinização em ambiente de duna tropical (APA do Abaeté, Salvador, Bahia, Brasil).** Sitientibus série Ciências Biológicas, Feira de Santana, v.1, n. 2, p. 141-153, nov. 2001.
- DARRAULT, R. O.; SCHILINDWEIN, C. **Limited Fruit Production in Hancornia speciosa (Apocynaceae) and Pollination by Nocturnal and Diurnal Insects.** Biotropica, Lawrence, v. 37, n. 3, p. 381-388, set. 2005.

DIAS, E. J. R.; ROCHA, C. F. D. **Os Répteis nas restingas da Bahia**: pesquisa e ações para a sua conservação. Rio de Janeiro: Instituto BIOMAS, 2005.

FELFILI, J. M. et al. **Fitossociologia no Brasil**: métodos e estudos de casos. Viçosa: Editora UFV, 2011.

FERNANDES, V. de O. et al. **Análise Socioambiental a partir dos zoneamentos ecológico econômico da Área de Proteção Ambiental das Lagoas e Dunas do Abaeté**. Revista Geo UERJ, Rio de Janeiro, n. 27, p. 137-143, nov. 2015. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/geouerj/article/view/13410/14663>>. Acesso em: 28 jul. 2017.

FLORA DO BRASIL 2020 EM CONSTRUÇÃO. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/>>. Acesso em: 29 jul. 2017.

GUSMÃO, E. D. de et al. **Estudo Anátomo-Morfológico de Dicotiledôneas das dunas de Salvador – Bahia**. Borreria cymosa Cham. et SCHl. e Chiococca brachiata R. et P. (Rubiaceae). Acta Botancia Brasilica, Belo Horizonte, v. 6, n. 1, p. 79-88, jun. 1992.

INMET. **Gráficos Climatológicos**. Disponível em: <<http://www.inmet.gov.br>>. Acesso em: 12 nov. 2015.

LACERDA, L. D. et al. **Restingas**: origens, estrutura, processos. Niterói: CEUFF, 1984.

LENZI, M.; ORTH, A. I. **Fenologia reprodutiva, morfologia e biologia floral de Schinus terebinthifolius Raddi** (Anacardiaceae), em restinga da Ilha de Santa Catarina, Brasil. Biotemas, Florianópolis, v. 17, n. 2, p. 67-89, jun. 2004a.

Listabarth, C. **Pollination of Bactris by Phyllostox and Epurea. Implications of the Palm breeding beetles on pollination at the community level**. Biotropica, Lawrence, v. 28, n. 1, p. 69-81, mar. 1996.

LORENZI, H. et al. **Flora Brasileira Lorenzi**: Arecaceae (palmeiras). Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum de Estudos da Flora, 2010.

LORENZI, H. **Árvores brasileiras**: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas do Brasil. Nova Odessa: Instituto Plantarum de Estudos da Flora, 2009.

LORENZI, H.; MATOS, F. J. de A. **Plantas medicinais no Brasil**: nativas e exóticas. 2. ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum de Estudos da Flora, 2008.

MANICA, I. **Mangaba**. In: __. **Frutas nativas, silvestres e exóticas 2**: técnicas de produção e mercado feijoa, figo-da-inída, fruta-pão, jaca, lichia, mangaba. Porto Alegre: Cinco Continentes. p.459-540, 2002.

TORKE, B. M.; MANSANO, V. de F. **A phylogenetically based sectional classification of Swartzia (Leguminosae-Papilionoideae)**. Taxon, Utrecht, v. 58, p. 913-924, 2009.

MEIO AMBIENTE: Legislação Básica do Estado da Bahia. 3. ed. Salvador: Centro de Recursos Ambientais, 1997.

MELO, E. de. **Levantamento das espécies de Coccoloba (Polygonaceae) da restinga do Estado da Bahia, Brasil.** Si-tientibus, Feira de Santana, n. 15, p. 49-49, nov. 1996.

MOÇO, M. C. de; PINHEIRO, M. C. B. **Pollination Ecology of Swartzia apetala Raddi var apetala (Leguminosae-Papilionoideae).** Brazilian Archives of Biology and Technology, Curitiba, v. 42, n. 4. 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-89131999000400006&lng=en&tlng=en>. Acesso em: 28 jul. 2017.

MENDES, M. R. de A. et al. **Relação entre a vegetação e as propriedades do solo em áreas de campo limpo úmido no Parque Nacional de Sete Cidades, Piauí, Brasil.** Rodriguésia, Rio de Janeiro v. 63, n. 4, p. 971-984, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-78602012000400014&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em: 28 jul. 2017.

MORAWETZ, W. **Dispersion and succession in an extreme tropical habitat:** coastal sands and xeric woodland in Bahia (Brazil). Sonderberichten Naturwiss Verein, v.7, p. 359-380, 1983.

PAZ, J. R. L.; PIGOZZO, C. M. **Aspectos da polinização de duas espécies endêmicas de Melastomataceae (tribo Melastomeae) em uma Restinga da Bahia, Nordeste do Brasil.** Natureza On line, Espírito Santo, v. 15, n. 1, p. 9-18, jan.-jun. 2017. Disponível em:< <http://naturezaonline.com.br/natureza/conteudo/pdf/NOL20150306%20-%20c%C3%B3pia%20corrigida%20pelo%20autor.pdf>>. Acesso em: 29 jul. 2017.

PIGOZZO, C. M. et. al. **A interação entre Cuphea brachiata Koehne (Lythraceae) e seus visitantes florais nas dunas litorâneas de Abaeté, Salvador, Bahia.** Lundiana, Belo Horizonte, v. 7, n. 1, p. 47-53, jan. 2006.

PIGOZZO, C. M. et. al. **Foraging behavior of Xylocopa (Neoxylocopa) cearensis Ducke (Hymenoptera: Apidae, Xylocopini) in a population of Cuphea brachiata Koehne (Lythraceae).** Neotropical Entomology, São Francisco de Goiás, v. 36, n. 5, p. 652-656, set. 2007.

QUEIROZ, E. P. **Levantamento florístico e georreferenciamento das espécies com potencial econômico e ecológico em restinga de Mata de São João, Bahia, Brasil.** Biotemas, Florianópolis, v. 20, n. 4, p. 41-47, dez. 2007.

RAMALHO, M.; ROSA, J. F. **Ecological interaction between the tiny keel flowers of Stylosanthes viscosa Sw. (Fabioideae) and the large bee Xylocopa (Neoxylocopa)**

cearensis Ducke, 1910 (Apoidea, Hymenoptera), in tropical sand dune. Biota Neotropica, São Paulo, v. 10, n. 3, p. 0-0, 2010. Disponível em: <<http://www.biotaneotropica.org.br>>. Acesso: 10 jul. 2017.

RAMOS, C. O. C. et al. **Pollination in Brazilian Syngonanthus (Eriocaulaceae) Species: Evidence for Entomophily Instead of Anemophily**. Annals of Botany, Oxford, v. 96, n. 3, p. 387-397, set. 2005.

SANTOS, R. C. dos; MELO FILHO, A. A. de. **Fitoquímica e atividades biológicas do gênero Swatzia: uma breve revisão**. Orbital: the eletronic journal of chemistry, v. 5, n. 2, abr.-jun. 2013. Disponível em: <<http://www.orbital.ufms.br/index.php/Chemistry/article/view/4922013>>. Acesso em: 28 jul. 2017.

SANTOS, O. M. et al. **Observações preliminares sobre fungos micorrízicos vesículo-arbusculares em plantas crescendo em dunas na Bahia**. Revista Ceres, v. 42, n. 240, p. 191-202, 1995.

SILVA, L. B. **Anatomia de madeira da raiz e caule de Macrolobium rigidum Cowan (Leg. – Caes.) e Acosmium bijugum (Vog.) Yakovl. (Leg. – Pap.) ocorrentes nas dunas do Parque do Abaeté, Salvador, BA**. 1997. Dissertação (Mestrado em Botânica) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 1997.

SACRAMENTO, A. C. et al. **Aspectos florísticos da vegetação de restinga no litoral de Pernambuco**. Revista Árvore, Viçosa, v. 31, n. 6, p.1121-1130, nov-dez. 2007.

SILVA, F. O. da. **Biodiversidade e interações positivas em moitas de restinga**. 2012. 164 f. Tese (Doutorado em Ecologia) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Biologia, Salvador, 2012.

SILVA, F. O. et al. **The floral biology of Eriope blanchetii (Lamiaceae) in coastal sand dunes of NE Brazil**. Austral Ecology, Adelaide, v. 30, p. 243-249, mar. 2005.

SILVA, F. O.; VIANA, B. F. **Distribution of Xylocopa (Hymenoptera: Apidae) Nests in a Sea Coastal Sand Dune**. Neotropical Entomology, São Francisco de Goiás, v. 31, n. 4, p. 661-664, out-dez. 2002.

SILVA, J. G. da. **Características Ambientais, Propagação e Metabólitos Secundários de Agarista revoluta**. 1998. Tese (Doutorado em Ciências Biológicas (Biofísica)) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1988.

VIANA, B. F. et al. **A Flora apícola de uma área restrita de dunas litorâneas, Abaeté, Salvador, Bahia**. Revista Brasileira de Botânica, São Paulo, v. 29, p. 13-25, jan.-mar. 2006.

VIANA, B.F.; KLEINERT, A.M.P. **Structure of bee-flower system in the coastal sand dune of Abaeté**, Northeastern

Brazil. Revista Brasileira de Entomologia, Londrina, v. 50, n. 1, p. 53-63, 2006.

VIANA, B. F. et al. **Ecology of *Xylocopa* (*Neoxylocopa*) *cearensis* (Hymenoptera, Anthophoridae) in Abaeté sand dunes, Salvador, Bahia.** Iheringia Série Zoologia, Porto Alegre, v. 92, n. 4, p. 47-57, dez. 2002.

VIANA, B. F. et al. **Diversidade e sazonalidade de abelhas solitárias (Hymenoptera: Apoidea) em dunas litorâneas no nordeste do Brasil.** Neotropical Entomology, Londrina, v. 30, n. 2, p. 245-251, jun. 2001.

VOEKS, R. **Reproductive ecology of the piassava palm (*Attalea funifera*) of Bahia, Brazil.** Journal of Tropical Ecology, Cambridge, v. 18, p. 121-136, jan. 2002.

GLOSSÁRIO

A

Adaptação: em sentido amplo, se refere a origem de entidades com diferentes estados de um ou mais caracteres, e as mudanças na sua proporção ao longo do tempo.

Anúria: ausência de urina.

Assoreamento: amontoado de terras ou areias, causado por enchentes ou construção.

Ácidos húmicos: Substâncias orgânicas, de alto peso molecular, derivada da decomposição foliar, e quase sempre presentes na forma dissolvida, são responsáveis pela cor escura das águas.

Aerosóis: é um conjunto de partículas sólidas ou líquidas suspensas num gás, com alta mobilidade intercontinental

Água subterrânea: Água armazenada no sub-solo que pode ser retirada através de poços.

Aracnofauna: fauna de aracnídeos de uma região.

Araneofauna: fauna de aranhas de uma região.

Artrópodes: animais invertebrados que apresentam patas articuladas

Antrópico: ambiente modificado pelo homem

A. P.: Antes do presente.

Auto-incompatível: diz-se da planta portadora de mecanismo genético que impede a fecundação do óvulo por pólen da mesma planta.

B

Biótopos: Termo ecológico (biótopo ou ecótopo, do grego βίος - bios = vida + τόπος = lugar, ou seja, lugar onde se encontra vida) que corresponde à menor parcela de um habitat que é possível discernir geograficamente. É uma região que apresenta regularidade nas condições ambientais e nas populações animais e vegetais.

Bromeliáceas: plantas da família das bromélias

C

Cadeia trófica: uma forma de expressar a sequência de seres vivos que dependem uns dos outros para se alimentar.

Camuflagem: coloração e/ou forma que torna um organismo inconspícuo em seu ambiente.

Carnívoro: animais que se alimentam de carne.

Cefalotórax: região do corpo dos aracnídeos caracterizada pela fusão da cabeça com o tórax.

Coagulante: ação do veneno de animais sobre a cascata da coagulação sanguínea.

Constritoras: animais que matam as suas presas por constricção.

D

Decibel: medida de intensidade sonora.

Detritívoro: animais que se alimentam de restos orgânicos de plantas ou animais.

Dióica: espécie de planta com flores masculinas e femininas em indivíduos diferentes.

Dissolvida: Também designado como matéria orgânica dissolvida, refere-se a todas as substâncias que são encontradas na água após serem filtradas através de porosidade de 0,45 µm.

E

Edema: inchaço que se forma por infiltração de serosidade no tecido celular.

Eólico: relativo aos ventos; ação dos ventos.

Eusocial: são animais que vivem em colônias perenes, isto é, em grande número de indivíduos no mesmo ninho, e onde haja divisão de trabalho e separação em castas.

Eutrofização: Processo de enriquecimento nutricional causado normalmente por entradas anormais de fósforo ou nitrogênio no meio aquático. Chamada de eutrofização cultural quando causada pelo ser humano.

F

Falésias: Alcantilado de faces abruptas formado pela ação erosiva de ondas sobre as rochas.

Feixe vascular: Porção organizada do sistema vascular de uma planta constituída por floema e xilema.

Floração massal: é definida como a reprodução intermitente de populações de plantas em intervalos longos.

Forma de vida: modo de classificar a forma de crescimento das plantas.

Forrageadores: animais que procuram seu alimento.

Fulcros: pequenas estruturas de forma circular, localizadas nos palpos dos escorpiões, que tem função sensitiva.

G

Generalistas: animais que não tem preferência por determinado tipo de ambiente ou alimentação.

H

Hemoglobinúria: sangue na urina

Herbivoria: tipo de alimentação exclusiva a base de vegetais

Herpetofauna: fauna de répteis de uma região

Húmus: camada de matéria orgânica em decomposição, que fertiliza a terra e nutre as plantas.

I

Ictiofauna: o conjunto das espécies de peixes que existem numa determinada região

M

Mesofilo: Porção da folha compreendida entre as duas epidermes, dorsal e ventral. Ponto limite entre o limbo e o pecíolo.

Microbutídeos: escorpiões da família Buthidae com tamanho menor que 60 mm.

Miotóxico: Ação tóxica de venenos animais sobre as fibras musculares

N

Neurotóxico: Ação tóxica de venenos animais sobre o sistema nervoso

O

Oligotrófico: diz-se do solo com quantidades reduzidas de nutrientes minerais

Onivoria: tipo de alimentação que inclui diversos itens alimentares.

P

Paludosa: o mesmo que encharcada, inundada.

Particulada: Também designado como matéria orgânica particulada, refere-se a todas as substâncias que são retidas em filtro, após serem filtradas através de porosidade de 0,45 µm.

Periantrópico: ambiente próximo ao antrópico.

Perenifólio: planta que mantém suas folhas ao longo do ano.

Planície Quaternária Costeira: As planícies costeiras ou litorâneas são planícies formadas por sedimentos terciários ou quaternários, depositados na zona costeira, ocorrendo em cada uma das grandes regiões reconhecidas para a costa brasileira.

Pleistoceno: Época mais antiga do Quaternário, compreendida entre 1.800.000 e 10.000 anos antes do presente.

Polinizador: é um vetor que media a transferência de pólen das anteras para o estigma de flores, acidentalmente ou não.

Polinização cruzada: transferência de pólen entre flores de plantas diferentes.

Pseudobulbo: nome dado a um tipo de caule aéreo presente em orquídeas. São estruturas espessadas, preenchidas por parênquima aquífero, com funções de armazenamento de água e regulação do metabolismo de síntese de carboidratos.

Predadores: predadores são, em geral, carnívoros que se alimentam de animais herbívoros, mas podem também ser onívoros.

R

Restinga: Refere-se à barra ou barreira de areia em sistemas costeiros, especialmente quando estas feições fecham lagunas costeiras.

Revoluta: quando os bordos se enrolam para a página inferior ou dorsal da folha, como na espirradeira.

S

Saprófitas: organismos que retiram parte ou todo o seu alimento da matéria orgânica em putrefação.

Sauronofauna: fauna de lagartos de uma região.

Sedimentação: é o processo de formação de uma rocha sedimentar.

Solitário: diz-se do animal que vive sozinho e morre antes que seus filhos atinjam a fase adulta.

T

Terrícolas: animais que vivem no solo

Territorialistas: animais que marcam territórios seja com fins de alimentação, reprodução, dentre outros.

Thicket: termo em inglês que identifica o agrupamento denso de árvores ou arbustos altos; geralmente composto por uma ou poucas espécies, até a exclusão de todas as outras. Podem ser formadas por espécies que produzem muitas sementes viáveis que são capazes de germinar à sombra das plantas maternas.

Topografia: do idioma grego topos, lugar, região, e graphein, descrever: “descrição de um lugar”.

Triades: coloração de três cores alternadas (branco ou amarelo, vermelho e preto) característica da maioria das cobras corais.

Transgressões marítimas: é o avanço do mar por sobre as terras emersas, gerando uma consequente elevação do nível do mar.

ANEXOS

Tabela 1: Características ecológicas das espécies de plantas com flores na Área de Proteção Ambiental das Lagoas e Dunas do Abaeté, Salvador, BA. Listagem obtida a partir de coletas botânicas no local, consulta a referências especializadas e registros de herbários.

Código do herbário	Nome Científico	Habitat frequente	Grau de lenhosidade	Forma de vida	Tipo de fruto	Deiscência do fruto	Deiscencia do fruto	Dispersão do fruto	Sistema sexual
ACANTHACEAE									
IBGE 43798	<i>Aphelandra nitida</i> Nees & Mart.	moita	arbusto	fanerófita	cápsula	seco	deiscente	autocoria	hermafrodita
AMARANTHACEAE									
ALCB 89189	<i>Alternanthera littoralis</i> var. <i>maritima</i> (Mart.) Pedersen.	área aberta	erva	caméfito	cápsula	seco	deiscente	autocoria	hermafrodita
HUEFS 44534	<i>Froelichia humboldtiana</i> (Roem. & Schult.) Seub.	área aberta	erva	hemisporófito	aquênio	seco	indeiscente	anemocoria	hermafrodita
HUEFS 90116	<i>Gomphrena duriuscula</i> Moq.	área úmida	erva	caméfito	cápsula	seco	deiscente	anemocoria	hermafrodita
HUEFS 9994	<i>Gomphrena gardnerii</i> Moq.	área úmida	erva	caméfito	cápsula	seco	indeiscente	anemocoria	hermafrodita
ANACARDIACEAE									
ALCB 21224	<i>Anacardium occidentale</i> L.	área aberta	árvore	fanerófita	núcula	seco	indeiscente	zoocoria	monóica
ALCB 89148	<i>Schinus terebinthifolia</i> Raddi	moita	árvore	fanerófita	drupa	carnoso	indeiscente	zoocoria	dióica
ALCB 19614	<i>Tapirira guianensis</i> Aubl.	moita	árvore	fanerófita	drupa	carnoso	indeiscente	zoocoria	dióica
ANNONACEAE									
ALCB 1237	<i>Duguetia moricandiana</i> Mart.	moita	árvore	fanerófita	baga	carnoso	indeiscente	zoocoria	hermafrodita
ALCB 09134	<i>Xylopia laevigata</i> (Mart.) R.E.Fr.	moita	árvore	fanerófita	folículo	seco	deiscente	zoocoria	hermafrodita

Código do herbário	Nome Científico	Habitat frequente	Grau de lenhosidade	Forma de vida	Tipo de fruto	Consistência do fruto	Deiscência do fruto	Dispersão do fruto	Sistema sexual
APOCYNACEAE									
HUEFS 13171	<i>Aspidosperma pyricollum</i> MÜLL. Arg.	moita	árvore	fanerófita	folículo	seco	deiscente	anemocoria	hermafrodita
ALCB 09332	<i>Blepharodon costae</i> Fontella & Morillo	moita	trepadeira	liana	folículo	seco	deiscente	anemocoria	hermafrodita
ALCB 21001	<i>Blepharodon pictum</i> (Vahl.) W.D. Stevens		trepadeira	liana	folículo	seco	deiscente	anemocoria	hermafrodita
HUEFS 189387	<i>Ditassa arianae</i> Fontella & E.A.Schwarz	moita	trepadeira	liana	folículo	seco	deiscente	anemocoria	hermafrodita
HUEFS 33423	<i>Ditassa crassifolia</i> Decne.	moita	trepadeira	liana	folículo	seco	deiscente	anemocoria	hermafrodita
ALCB 09767	<i>Hancornia speciosa</i> Gomes	área aberta	árvore	fanerófita	baga	carnoso	indeiscente	zoocoria	hermafrodita
ALCB 03303	<i>Himatanthus bracteatus</i> (A.DC.) Woodson	moita	árvore	fanerófita	folículo	seco	deiscente	anemocoria	hermafrodita
HUEFS 33374	<i>Mandevilla juniformis</i> (Vell.) K.Schum.	moita	trepadeira	liana	folículo	seco	deiscente	anemocoria	hermafrodita
HUEFS 48097	<i>Mandevilla moricandiana</i> (A.DC.) Woodson	moita	trepadeira	liana	folículo	seco	deiscente	anemocoria	hermafrodita
ALCB 57993	<i>Marsdenia amorimii</i> Morillo	moita	trepadeira	liana	folículo	seco	deiscente	anemocoria	hermafrodita
CEPEC 40050	<i>Oxypetalum bancksii</i> R.Br. ex Schult.	moita	trepadeira	liana	folículo	seco	deiscente	anemocoria	hermafrodita
ARACEAE									
ALCB 000919	<i>Anthurium affine</i> Schott	moita	erva	geófito	baga	carnoso	indeiscente	zoocoria	monóica
HUEFS 33367	<i>Anthurium longipes</i> N.E. Br.	moita	erva	geófito	baga	carnoso	indeiscente	zoocoria	monóica
ALCB 024475	<i>Philodendron acutatum</i> Schott	moita	erva	hemícriptofita	baga	carnoso	indeiscente	zoocoria	monóica

Código do herbário	Nome Científico	Habitat frequente	Grau de lenhosidade	Forma de vida	Tipo de fruto	Deiscência do fruto	Deiscencia do fruto	Dispersão do fruto	Sistema sexual
--------------------	-----------------	-------------------	---------------------	---------------	---------------	---------------------	---------------------	--------------------	----------------

ARECACEAE

HUEFS 33430	<i>Allagoptera brevicalyx</i> Moraes	área aberta	erva	geófito	drupa	carnoso	indeiscente	zoocoria	monóica
ALCB 09342	<i>Attalea funifera</i> Mart.	área aberta	árvore	fanerófito	drupa	carnoso	indeiscente	zoocoria	monóica
ALCB 043147	<i>Bactris glassmanii</i> Med.-Costa & Noblick ex A.J. Hend.	área aberta	erva	geófito	drupa	carnoso	indeiscente	zoocoria	monóica
ALCB 056062	<i>Bactris soeiroana</i> Noblick ex A.J. Hend.	área aberta	erva	geófito	drupa	carnoso	indeiscente	zoocoria	monóica
ALCB 127026	<i>Syagrus schizophylla</i> (Mart.) Glassman	área aberta e moita	arbusto	fanerófito	drupa	carnoso	indeiscente	zoocoria	monóica

ASTERACEAE

ALCB 89167	<i>Ageratum conyzoides</i> L.	área aberta e borda de moita	erva	terófito	cipsela	seco	indeiscente	anemocoria	hermafrodita
ALCB 028722	<i>Blainvillea acmella</i> (L.) Philipson	área aberta	erva	terófito	cipsela	seco	indeiscente	anemocoria	monóica
IBGE 39888	<i>Blainvillea dichotoma</i> (Murray) Stewart	área aberta	subarbusto	terófito	cipsela	seco	indeiscente	anemocoria	hermafrodita
ALCB 043157	<i>Calea angusta</i> S.F.Blake	borda de moita	erva	terófito	cipsela	seco	indeiscente	anemocoria	hermafrodita
ALCB 89188	<i>Calea candolleana</i> (Gardner) Baker	área aberta	arbusto	fanerófito	cipsela	seco	indeiscente	anemocoria	monóica
IBGE 43812	<i>Cyrtocymura scorpioides</i> (Lam.) H.Rob.	área aberta	subarbusto	fanerófito	cipsela	seco	indeiscente	anemocoria	hermafrodita
ALCB 04265	<i>Eclipta prostrata</i> (L.) L.	área aberta	erva	terófito	cipsela	seco	indeiscente	anemocoria	monóica
ALCB 025501	<i>Elephantopus hirtiflorus</i> DC.	área aberta	erva	terófito	cipsela	seco	indeiscente	anemocoria	hermafrodita
ALCB 026965	<i>Emilia fosbergii</i> Nicolson	área aberta	erva	terófito	cipsela	seco	indeiscente	anemocoria	hermafrodita

Código do herbário	Nome Científico	Habitat frequente	Grau de lenhosidade	Forma de vida	Tipo de fruto	Consistência do fruto	Deiscência do fruto	Dispersão do fruto	Sistema sexual
ALCB 89142	<i>Emilia sonchifolia</i> (L.) DC. ex Wight	área aberta	erva	terófito	cipsela	seco	indeiscente	anemocoria	hermafrodita
ALCB 10422	<i>Erechtites hieraciifolius</i> (L.) Raf. ex DC.	área aberta, margem de lagoa	erva	terófito	cipsela	seco	indeiscente	anemocoria	hermafrodita
ALCB 97594	<i>Lepidaploa arenaria</i> (Mart. ex DC.) H. Rob.	área aberta	arbusto	terófito	cipsela	seco	indeiscente	anemocoria	hermafrodita
ALCB 022716	<i>Lepidaploa edmundoi</i> (G.M. Barroso) H. Rob.	área aberta	arbusto	terófito	cipsela	seco	indeiscente	anemocoria	hermafrodita
ALCB 89157	<i>Lepidaploa mucronifolia</i> (DC.) H. Rob.	área aberta	arbusto	fanerófito	cipsela	seco	indeiscente	anemocoria	hermafrodita
IBGE 36320	<i>Lithothamnus nitidus</i> (DC.) W.C.Holmes	área aberta	subarbusto	fanerófito	cipsela	seco	indeiscente	anemocoria	hermafrodita
ALCB 043150	<i>Mikania obovata</i> DC.	área aberta	trepadeira	liana	cipsela	seco	indeiscente	anemocoria	hermafrodita
ALCB 109741	<i>Prolobus nitidulus</i> (Baker) R.M. King & H. Rob.	área aberta	subarbusto	fanerófito	cipsela	seco	indeiscente	anemocoria	hermafrodita
ALCB 89135	<i>Stilpnopappus scaposus</i> DC.	área aberta	erva	terófito	cipsela	seco	indeiscente	anemocoria	hermafrodita
ALCB 027392	<i>Tilesia baccata</i> (L.) Pruski	área aberta	subarbusto	fanerófito	cipsela	seco	indeiscente	zoocoria	hermafrodita
ALCB 029347	<i>Tridax procumbens</i> L.	área aberta	subarbusto	terófito	cipsela	seco	indeiscente	anemocoria	monóica

BIGNONIACEAE

NYBG 411757	<i>Anemopaegma citrinum</i> Mart. ex DC.	moita	trepadeira	liana	cápsula	seco	deiscente	anemocoria	hermafrodita
IBGE 13640	<i>Bignonia corymbosa</i> (Vent.) L.G. Lohmann	moita	trepadeira	liana	cápsula	seco	deiscente	anemocoria	hermafrodita
ALCB ALCB 043803	<i>Jacaranda obovata</i> Cham.	moita	árvore	fanerófito	cápsula	seco	deiscente	anemocoria	hermafrodita

Código do herbário	Nome Científico	Habitat frequente	Grau de lenhosidade	Forma de vida	Tipo de fruto	Consistência do fruto	Deiscência do fruto	Dispersão do fruto	Sistema sexual
HUEFS 42992	<i>Lundia cordata</i> (Vell.) DC.	moita	trepadeira	liana	cápsula	seco	deiscente	anemocoria	hermafrodita
IBGE 40412	<i>Sparattosperma leucanthum</i> (Vell.) K.Schum.	moita	árvore	fanerófita	cápsula	seco	deiscente	anemocoria	hermafrodita
ALCB 97592	<i>Tabebuia elliptica</i> (DC.) Sandwith	moita	árvore	fanerófita	cápsula	seco	deiscente	anemocoria	hermafrodita
BORAGINACEAE									
HUEFS 4173	<i>Myriopus rubicundus</i> (Salzm. ex DC.) Luebert	moita	arbusto	fanerófita	drupa	carnoso	indeiscente	zoocoria	hermafrodita
BROMELIACEAE									
ALCB 109743	<i>Aechmea multiflora</i> L. B. Sm.	moita	erva	hemicriptófita	drupa	carnoso	indeiscente	zoocoria	hermafrodita
ALCB 89164	<i>Hohenbergia littoralis</i> L.B. Sm.	área aberta	erva	hemicriptófita	baga	carnoso	indeiscente	Zoocoria	hermafrodita
ALCB 000432	<i>Hohenbergia salzmanii</i> (Baker) E.Morren ex Mez	área aberta	erva	hemicriptófita	baga	carnoso	indeiscente	Zoocoria	hermafrodita
BURMANNIACEAE									
ALCB 000543	<i>Burmannia capitata</i> (Walter ex J.F.Gmel.) Mart.	área aberta e úmida	erva	geófita	cápsula	seco	deiscente	autocoria	hermafrodita
BURSERACEAE									
ALCB 89176	<i>Protium bahianum</i> Daly	moita	árvore	fanerófita	drupa	carnoso	deiscente	zoocoria/ornitocoria	dióica
ALCB 97603	<i>Protium icicariba</i> var. <i>talmonii</i> Daly	moita	árvore	fanerófita	drupa	carnoso	deiscente	zoocoria	dióica
ALCB 89136	<i>Tetragastris occhionii</i> (Rizzini) Daly	moita	árvore	fanerófita	drupa	carnoso	deiscente	zoocoria	dióica
CACTACEAE									

Código do herbário	Nome Científico	Habitat frequente	Grau de lenhosidade	Forma de vida	Tipo de fruto	Consistência do fruto	Deiscência do fruto	Dispersão do fruto	Sistema sexual
ALCB 10303	<i>Cereus fernambucensis</i> Lem.	área aberta	subarbusto	fanerófita	baga	carnoso	indeiscente	zoocoria	hermafrodita
ALCB 029817	<i>Melocactus violaceus subsp. margaritaceus</i> N.P.Taylor	área aberta	erva	caméfito	baga	carnoso	indeiscente	zoocoria	hermafrodita
CAPPARACEAE									
ALCB 97587	<i>Cynophalla flexuosa</i> (L.) J. Presl	moita	arbusto	fanerófita	cápsula	seco	deiscente	zoocoria/mirmecoria	hermafrodita
CELASTRACEAE									
ALCB 043632	<i>Monteverdia distichophylla</i> (Mart. ex Reissek) Biral	moita	arbusto	fanerófita	cápsula	seco	deiscente	zoocoria/ornitocoria	dióica
CHRYSOBALANACEAE									
ALCB 89155	<i>Chrysobalanus icaco</i> L.	moita e área aberta	arbusto	fanerófita	drupa	carnoso	indeiscente	zoocoria/quirop-tero	hermafrodita
ALCB 82632	<i>Hirtella ciliata</i> Mart. & Zucc.	moita e área aberta	arbusto	fanerófita	drupa	carnoso	indeiscente	zoocoria	hermafrodita
ALCB 09766	<i>Hirtella racemosa</i> var. <i>hexandra</i> (Willd. ex Roem. & Schult.) Prance	moita e área aberta	árvore	fanerófita	drupa	carnoso	indeiscente	zoocoria/quirop-tero	hermafrodita
ALCB 42591	<i>Hirtella triandra</i> Sw. subsp. <i>triandra</i>	moita e área aberta	arbusto	fanerófita	drupa	carnoso	indeiscente	zoocoria	hermafrodita
CLEOMACEAE									
HUEFS 33399	<i>Dactylaena microphylla</i> Eichler	moita	subarbusto	fanerófita	siliqua	seco	deiscente	anemocoria/autocoria	hermafrodita
CALOPHYLLACEAE									
ALCB 89181	<i>Kielmeyera argentea</i> Choisy	moita e área aberta	subarbusto	fanerófita	cápsula	seco	deiscente	anemocoria	andromonóica
ALCB	<i>Kielmeyera neglecta</i> Saddi	área aberta e moita	árvore	fanerófita	cápsula	seco	deiscente	anemocoria	andromonóica

Código do herbário	Nome Científico	Habitat frequente	Grau de lenhosidade	Forma de vida	Tipo de fruto	Consistência do fruto	Deiscência do fruto	Dispersão do fruto	Sistema sexual
ALCB 89180	<i>Kielmeyera reticulata</i> Saddi	moita e área aberta	arbusto	fanerófito	cápsula	seco	deiscente	anemocoria	andromonóica
CLUSIACEAE									
ALCB 02768	<i>Clusia nemorosa</i> G.Mey.	moita e área aberta	árvore	fanerófito	cápsula	seco	deiscente	zoocoria	dióica
COMMELINACEAE									
ALCB 047517	<i>Commelina obliqua</i> Vahl	área aberta	erva	terófito	cápsula	seco	deiscente	autocoria	hermafrodita
CONNARACEAE									
ALCB 83419	<i>Connarus blanchetii</i> var. <i>laurifolius</i> (Baker) Forero	moita	arbusto	fanerófito	folículo	seco	deiscente	autocoria	hermafrodita
CONVOLVULACEAE									
ALCB 89191	<i>Evolvulus imbricatus</i> Mart. ex Colla	área aberta	erva	caméfito	cápsula	seco	deiscente	autocoria	hermafrodita
ALCB 58175	<i>Ipomoea asarifolia</i> (Desr.) Roem. & Schult.	Área aberta/ úmida	trepadeira	liana	cápsula	seco	deiscente	autocoria	hermafrodita
ALCB 49817	<i>Ipomoea bahiensis</i> Willd. ex Roem. & Schult.	moitas	trepadeira	liana	cápsula	seco	deiscente	autocoria	hermafrodita
ALCB 047522	<i>Ipomoea carnea</i> subsp. <i>fistulosa</i> (Mart. ex Choisy) D.F.Austin	moita	arbusto	fanerófito	cápsula	seco	deiscente	autocoria	hermafrodita
CYPERACEAE									
ALCB 010435	<i>Cryptangium verticillatum</i> (Spreng.) Vitta	área aberta	erva	hemisporófito	aquênio	seco	indeiscente	anemocoria	monóica
ALCB 49801	<i>Cyperus crassipes</i> Vahl	área aberta e úmida	erva	hemisporófito	aquênio	seco	indeiscente	autocoria	monóica
ALCB 000063	<i>Cyperus haspan</i> L.	área aberta e úmida	erva	hemisporófito	aquênio	seco	indeiscente	autocoria	monóica
HUEFS 4176	<i>Cyperus hermaphroditus</i> (Jacq.) Standl.	área aberta	erva	hemisporófito	aquênio	seco	indeiscente	anemocoria	monóica

Código do herbário	Nome Científico	Habitat frequente	Grau de lenhacidade	Forma de vida	Tipo de fruto	Consistência do fruto	Deiscência do fruto	Dispersão do fruto	Sistema sexual
ALCB 97598	<i>Cyperus imbricatus</i> Retz.	área aberta	erva	hemicriptófita	Aquênio	seco	indeiscente	anemocoria	monóica
ALCB 004169	<i>Cyperus ligularis</i> L.	área aberta e úmida	erva	hemicriptófita	aquênio	seco	indeiscente	anemocoria	monóica
ALCB 04172	<i>Cyperus luzulae</i> (L.) Retz.	área aberta e úmida	erva	hemicriptófita	aquênio	seco	indeiscente	autocoria	monóica
ALCB 000079	<i>Cyperus meyenianus</i> Kunth	área aberta	erva	hemicriptófita	aquênio	seco	indeiscente	anemocoria	monóica
ALCB 000074/043636	<i>Cyperus odoratus</i> L.	área aberta e úmida	erva	hemicriptófita	aquênio	seco	indeiscente	autocoria	monóica
HUEFS 33434	<i>Cyperus pohlii</i> (Nees) Steud.	área aberta	erva	hemicriptófita	aquênio	seco	indeiscente	autocoria	monóica
ALCB 08783	<i>Cyperus rigens</i> C.Presl	área úmida	erva	hemicriptófita	aquênio	seco	indeiscente	autocoria	monóica
ALCB 000168	<i>Eleocharis interstincta</i> (Vahl.) Roem. & Schult.	área úmida	erva	hemicriptófita	aquênio	seco	indeiscente	anemocoria	monóica
ALCB 008776	<i>Eleocharis minima</i> Kunth	área úmida	erva	hemicriptófita	aquênio	seco	indeiscente	anemocoria	monóica
ALCB 89154	<i>Fuirena umbellata</i> Rottb.	área aberta	erva	hemicriptófita	aquênio	seco	indeiscente	anemocoria	monóica
ALCB 97597	<i>Lagenocarpus rigidus</i> Nees	área aberta e úmida	erva	hemicriptófita	aquênio	seco	indeiscente	anemocoria	monóica
ALCB 000078	<i>Pycnus flavescens</i> (L.) Rchb.	área aberta	erva	hemicriptófita	aquênio	seco	indeiscente	autocoria	monóica
HUEFS 5501	<i>Pycnus polystachyos</i> (Rottb.) P.Beauv.	área aberta	erva	hemicriptófita	aquênio	seco	indeiscente	anemocoria	monóica
ALCB 000175	<i>Rhynchospora barbata</i> (Vahl) Kunth	área aberta e úmida	erva	hemicriptófita	aquênio	seco	indeiscente	anemocoria	dióica
ALCB 000180	<i>Rhynchospora cephalotes</i> (L.) Vahl	área aberta e úmida	erva	hemicriptófita	aquênio	seco	indeiscente	anemocoria	dióica
ALCB 000194	<i>Rhynchospora filiformis</i> Vahl	área aberta e úmida	erva	hemicriptófita	aquênio	seco	indeiscente	anemocoria	dióica
ALCB 89166	<i>Rhynchospora holoschoenoides</i> (Rich.) Herter	área aberta e úmida	erva	hemicriptófita	aquênio	seco	indeiscente	autocoria	dióica

Código do herbário	Nome Científico	Habitat frequente	Grau de lenhosidade	Forma de vida	Tipo de fruto	Consistência do fruto	Deiscência do fruto	Dispersão do fruto	Sistema sexual
ALCB 000192	<i>Rhynchospora ridleyi</i> C.B.Clarke	área aberta e úmida	erva	hemiptófito	aquênio	seco	indeiscente	autocoria	dióica
ALCB 000191	<i>Rhynchospora riparia</i> (Nees) Boeckeler	área aberta e úmida	erva	hemiptófito	aquênio	seco	indeiscente	autocoria	dióica
ALCB 000188	<i>Rhynchospora tenerrima</i> Nees ex Spreng.	área aberta e úmida	erva	hemiptófito	aquênio	seco	indeiscente	anemocoria	dióica
ALCB 000404	<i>Scleria bracteata</i> Cav.	área aberta e úmida	erva	hemiptófito	aquênio	seco	indeiscente	autocoria/zoocoria	monóica
ALCB 008826	<i>Scleria macrogyne</i> C.B.Clarke	área aberta	erva	hemiptófito	aquênio	seco	indeiscente	autocoria	monóica

DILLENIACEAE

ALCB 24489	<i>Curatella americana</i> L.	área aberta	árvore	fanerófito	núcula	seco	indeiscente	zoocoria	hermafrodita
ALCB 89144	<i>Davilla flexuosa</i> A.St.-Hil.	moita e área aberta	arbusto	fanerófito	núcula	seco	indeiscente	zoocoria	hermafrodita
ALCB 20111	<i>Tetracera breyniana</i> Schltdl.	moita	arbusto	fanerófito					hermafrodita

DIOSCOREACEAE

ALCB 000626	<i>Dioscorea ovata</i> Vell.	moita	trepadeira	liana	cápsula	seco	deiscente	anemocoria	dióica
ALCB 89138	<i>Dioscorea polygonoides</i> Humb. & Bonpl. ex Willd.	moita	trepadeira	liana	cápsula	seco	deiscente	anemocoria	dióica

ERICACEAE

ALCB 38392	<i>Agarista revoluta</i> (Spreng.) J.D.Hook ex Nied	moita e área aberta	arbusto	fanerófito	cápsula	seco	deiscente	anemocoria	hermafrodita
------------	---	---------------------	---------	------------	---------	------	-----------	------------	--------------

ERIOCAULACEAE

ALCB 80062	<i>Actinocephalus ochrocephalus</i> (Körn.) Sano	área aberta	erva	hemiptófito	cápsula	seco	deiscente	autocoria	monóica
------------	--	-------------	------	-------------	---------	------	-----------	-----------	---------

Código do herbário	Nome Científico	Habitat frequente	Grau de lenhosidade	Forma de vida	Tipo de fruto	Consistência do fruto	Deiscência do fruto	Dispersão do fruto	Sistema sexual
ALCB 000097	<i>Actinocephalus ramosus</i> (Wikstr.) Sano	área aberta	erva	hemisporófito	cápsula	seco	deiscente	autocoria	monóica
ALCB 89168	<i>Comanthera imbricata</i> (Körn.) L.R. Parra & Guil.	área aberta e úmida	erva	hemisporófito	cápsula	seco	deiscente	autocoria	monóica
ALCB 000926	<i>Leiothrix rufula</i> (A.St.Hil.) Ruhland	área aberta e úmida	erva	hemisporófito	cápsula	seco	deiscente	autocoria	monóica
ALCB 000088	<i>Paepalanthus bifidus</i> (Schr.) Kunth	área aberta e úmida	erva	hemisporófito	cápsula	seco	deiscente	autocoria	monóica
ALCB 17915	<i>Paepalanthus Paepalanthus myocephalus</i> (Mart.) Körn. Mart.	área aberta e úmida	erva	hemisporófito	cápsula	seco	deiscente	autocoria	monóica
ALCB 89178	<i>Paepalanthus neglectus</i> Körn.	área aberta e úmida	erva	hemisporófito	cápsula	seco	deiscente	autocoria	monóica
IBGE 43790	<i>Paepalanthus sessiliflorus</i> Mart. ex Körn.	áreas abertas	erva	hemisporófito	cápsula	seco	deiscente	autocoria	monóica
ALCB 049806	<i>Paepalanthus tortilis</i> (Bong.) Mart.	área aberta e úmida	erva	hemisporófito	cápsula	seco	deiscente	autocoria	monóica
ALCB 000605	<i>Syngonanthus gracilis</i> (Bong.) Ruhland	área aberta	erva	hemisporófito	cápsula	seco	deiscente	autocoria	monóica
ALCB 00400	<i>Tonina fluviatilis</i> Aubl.	área aberta e úmida	erva	hemisporófito	cápsula	seco	deiscente	autocoria/hidrocoria	monóica
ERYTHROXYLACEAE									
ALCB 026391	<i>Erythroxylum leal-costae</i> Plowman	moita	arbusto	fanerófito	drupa	carnoso	indeiscente	zoocoria	hermafrodita
HUEFS 49724	<i>Erythroxylum passerinum</i> Mart.	moita	arbusto	fanerófito	drupa	carnoso	indeiscente	zoocoria/ornitocoria	hermafrodita
EUPHORBIACEAE									
ALCB 058742	<i>Astraea macroura</i> (Colla) P.L.R. Moraes De Smedt & Guglielmone	área aberta e borda de moita	erva	fanerófito	cápsula	seco	deiscente	autocoria	monóica
ALCB 026679	<i>Cnidoscolus urens</i> (L.) Arthur	área aberta e borda de moita	arbusto	fanerófito	cápsula	seco	deiscente	autocoria	monóica

Código do herbário	Nome Científico	Habitat frequente	Grau de lenhosidade	Forma de vida	Tipo de fruto	Consistência do fruto	Deiscência do fruto	Dispersão do fruto	Sistema sexual
ALCB 028747	<i>Croton campestris</i> (A.St.-Hil.) Mull. Arg	área aberta e borda de moita	arbusto	fanerófita	cápsula	seco	deiscente	zoocoria	monóica
ALCB 02071	<i>Croton lundianus</i> (Didr.) Müll.Arg.	área aberta e borda de moita	subarbusto	fanerófita	cápsula	seco	deiscente	autocoria	monóica
HUEFS 5488	<i>Croton paulinus</i> (Didr.) Müll.Arg.	área aberta e borda de moita	arbusto	fanerófita	cápsula	seco	deiscente	autocoria	monóica
HUEFS 5514/63100	<i>Croton polyandrus</i> Spreng.	área aberta e borda de moita	arbusto	fanerófita	cápsula	seco	deiscente	autocoria	monóica
ALCB 02098	<i>Croton radlkoferi</i> Pax & K.Hoffm.	área aberta e borda de moita	arbusto	fanerófita	cápsula	seco	deiscente	autocoria	monóica
ALCB 89179	<i>Croton sellowii</i> Baill.	área aberta e borda de moita	arbusto	fanerófita	cápsula	seco	deiscente	autocoria	monóica
HUEFS 40473	<i>Euphorbia cyathophora</i> Murray	área aberta	erva	terófita	cápsula	seco	deiscente	autocoria	monóica
HUEFS 40472	<i>Euphorbia gymnoclada</i> Boiss.	área aberta e borda de moita	erva	terófita	cápsula	seco	deiscente	autocoria	monóica
HUEFS 40473	<i>Euphorbia heterophylla</i> L.	área aberta e borda de moita	erva	terófita	cápsula	seco	deiscente	zoocoria	monóica
ALCB 58225	<i>Euphorbia hyssopifolia</i> L.	área aberta	herbáceo	terófita	cápsula	seco	deiscente	autocoria	monóica
ALCB 109758	<i>Maprounea brasiliensis</i> A.St.-Hil.	área aberta e borda de moita	árvore	fanerófita	cápsula	seco	deiscente	autocoria	monóica
ALCB 16922	<i>Maprounea guianensis</i> Aubl.	área aberta e borda de moita	árvore	fanerófita	cápsula	seco	deiscente	autocoria	monóica
ALCB 02291	<i>Microstachys corniculata</i> (Vahl) Griseb.	área aberta e borda de moita	subarbusto	caméfito	esquizocarpo	seco	deiscente	autocoria	monóica

FABACEAE

ALCB 024662	<i>Abarema cochliacarpus</i> (Gomes) Barneby & J.W.Grimes	moita	árvore	fanerófita	legume	seco	deiscente	autocoria	hermafrodita
ALCB 017641	<i>Abarema filamentosa</i> (Benth.) Pittier	moita	arbusto	fanerófita	legume	seco	deiscente	autocoria	hermafrodita

Código do herbário	Nome Científico	Habitat frequente	Grau de lenhosidade	Forma de vida	Tipo de fruto	Consistência do fruto	Deiscência do fruto	Dispersão do fruto	Sistema sexual
HUEFS 40795	<i>Abrus precatorius</i> L.	moita	trepadeira	liana	legume	seco	deiscente	autocoria	hermafrodita
ALCB 027391	<i>Aeschynomene paniculata</i> Willd. ex Vogel	moita	subarbusto	fanerófita	legume	seco	deiscente	anemocoria	hermafrodita
ALCB 01505	<i>Aeschynomene sensitiva</i> Sw.	moita	subarbusto	fanerófita	legume	seco	deiscente	anemocoria	hermafrodita
ALCB 047388	<i>Aeschynomene viscidula</i> Michx.	moita	erva	fanerófita	legume	seco	deiscente	anemocoria	hermafrodita
HUEFS 5470	<i>Andira nitida</i> Mart. ex Benth.	moita	árvore	fanerófita	drupa	carnoso	indeiscente	zoocoria	hermafrodita
ALCB 043802	<i>Bowdichia virgilioides</i> Kunth	moita	árvore	fanerófita	legume	seco	indeiscente	anemocoria	hermafrodita
IBGE 39887	<i>Canavalia rosea</i> (Sw.) DC.	moita	erva	caméfito	legume	seco	deiscente	autocoria	hermafrodita
ALCB 57997	<i>Centrosema brasilianum</i> (L.) Benth.	moita	trepadeira	liana	legume	seco	deiscente	autocoria	hermafrodita
HUEFS 33432	<i>Centrosema coriaceum</i> Benth.	moita	trepadeira	liana	legume	seco	deiscente	autocoria	hermafrodita
IBGE 40408	<i>Chamaecrista bahiae</i> (H.S.Irwin) H.S.Irwin & Barneby	moita	árvore	fanerófita	legume	seco	deiscente	autocoria	hermafrodita
ALCB 76467	<i>Chamaecrista blanchetii</i> (Benth.) Conc. et al.	moita	arbusto	fanerófita	legume	seco	deiscente	autocoria	hermafrodita
ALCB 97598-b	<i>Chamaecrista cytisoides</i> (DC. ex Collad.) H.S.Irwin & Barneby	moita	arbusto	fanerófita	legume	seco	deiscente	autocoria	hermafrodita
ALCB 21196	<i>Chamaecrista flexuosa</i> (L.) Greene var. <i>flexuosa</i>	moita	subarbusto	fanerófita	legume	seco	deiscente	autocoria	hermafrodita
ALCB 01423	<i>Chamaecrista hispidula</i> (Vahl) H.S.Irwin & Barneby	área aberta	subarbusto	fanerófita	legume	seco	deiscente	autocoria	hermafrodita
ALCB 01494	<i>Chamaecrista langsdoeffii</i> (Kunth ex Vogel) Britton ex Pittier	área úmida	erva	fanerófita	legume	seco	deiscente	autocoria	hermafrodita
ALCB 89150	<i>Chamaecrista ramosa</i> (Vogel) H.S.Irwin & Barneby	área aberta	subarbusto	caméfito	legume	seco	deiscente	autocoria	hermafrodita

Código do herbário	Nome Científico	Habitat frequente	Grau de lenhosidade	Forma de vida	Tipo de fruto	Consistência do fruto	Deiscência do fruto	Dispersão do fruto	Sistema sexual
HUEFS 63095	<i>Chamaecrista salvatoris</i> (H.S.Irwin & Barneby) H.S.Irwin & Barneby	área aberta	arbusto	fanerófita	legume	seco	deiscente	autocoria	hermafrodita
ALCB 027389	<i>Chamaecrista swainsonii</i> (Benth.) H.S.Irwin & Barneby	área aberta	subarbusto	fanerófita	legume	seco	deiscente	autocoria	hermafrodita
IBGE 43802	<i>Chamaecrista zygomphylloides</i> (Taub.) H.S.Irwin & Barneby	moita	árvore	fanerófita	legume	seco	deiscente	autocoria	hermafrodita
IBGE 24458	<i>Desmodium adscendens</i> (Sw.) DC.	moita	subarbusto	caméfito	legume	seco	indeiscente	zoocoria	hermafrodita
ALCB 04627	<i>Dioclea lasiophylla</i> Mart. ex Benth.	moita	trepadeira	liana	legume	seco	deiscente	autocoria	hermafrodita
HUEFS 49657	<i>Inga capitata</i> Desv.	moita	árvore	fanerófita	legume	seco	indeiscente	zoocoria	hermafrodita
ALCB 82629	<i>Inga laurina</i> (Sw.) Willd.	moita	árvore	fanerófita	legume	seco	indeiscente	zoocoria	hermafrodita
ALCB 15416	<i>Inga subnuda</i> Salzm. ex Benth.	moita	árvore	fanerófita	legume	seco	indeiscente	zoocoria	hermafrodita
ALCB 72945	<i>Inga pleiogyna</i> T.D.Penn.	moita	arbusto	fanerófita	legume	seco	indeiscente	anemocoria	hermafrodita
ALCB 97599	<i>Leptolobium bijugum</i> (Spreng.) Vogel	moita	arbusto	fanerófita	legume	seco	deiscente	autocoria	hermafrodita
ALCB 15406	<i>Macrolobium latifolium</i> Vogel	moita	arbusto	fanerófita	legume	seco	deiscente	autocoria	hermafrodita
ALCB 023894	<i>Macrolobium rigidum</i> R.S.Cowan	moita	árvore	fanerófita	legume	seco	deiscente	autocoria	hermafrodita
HUEFS 40797	<i>Macroptilium atropurpureum</i> (Sessé & Moc. ex DC.) Urb.	moita	erva	caméfito	legume	seco	deiscente	autocoria	hermafrodita
ALCB 010049	<i>Mimosa carvalhoi</i> Barneby	moita	arbusto	fanerófita	craspédio	seco	indeiscente	autocoria	hermafrodita
ALCB 001378	<i>Mimosa lewisii</i> Barneby	moita	arbusto	fanerófita	craspédio	seco	indeiscente	autocoria	hermafrodita

Código do herbário	Nome Científico	Habitat frequente	Grau de lenhosidade	Forma de vida	Tipo de fruto	Consistência do fruto	Deiscência do fruto	Dispersão do fruto	Sistema sexual
ALCB 10426	<i>Mimosa somnians</i> Humb. & Bonpl. ex Willd.	moita	arbusto	fanerófita	craspédio	seco	indeiscente	autocoria	hermafrodita
ALCB 97600	<i>Moldenhawera nutans</i> L.P.Queiroz et al.	moita	árvore	fanerófita	legume	seco	deiscente	autocoria	hermafrodita
ALCB 39108	<i>Poecilanthe itapuana</i> G.P.Lewis	moita	árvore	fanerófita	legume	seco	deiscente	autocoria	hermafrodita
ALCB 028728	<i>Senna macranthera</i> (DC. ex Collad.) H.S.Irwin & Barneby	moita	árvore	fanerófita	legume	seco	deiscente	autocoria	hermafrodita
IBGE 30819	<i>Senna splendida</i> (Vogel) H.S.Irwin & Barneby	moita	arbusto	fanerófita	legume	seco	deiscente	autocoria	hermafrodita
HUEFS 33442	<i>Senna splendida</i> var. <i>gloriosa</i> H.S.Irwin & Barneby	moita	arbusto	fanerófita	legume	seco	deiscente	autocoria	hermafrodita
ALCB 08819	<i>Sophora tomentosa</i> L.	moita	arbusto	fanerófita	legume	seco	deiscente	autocoria	hermafrodita
ALCB 89177	<i>Stylosanthes guianensis</i> (Aubl.) Sw.	área aberta e úmida	subarbusto	caméfito	lomento	seco	deiscente	autocoria	hermafrodita
ALCB 89137	<i>Stylosanthes viscosa</i> (L.) Sw.	moita	erva	caméfito	lomento	seco	deiscente	autocoria	hermafrodita
HUEFS 63091	<i>Swartzia apetala</i> Raddi var. <i>apetala</i>	moita	árvore	fanerófita	legume	seco	indeiscente	zoocoria	hermafrodita
ALCB 16575	<i>Vigna halophila</i> (Piper) Maréchal et al	moita	trepadeira	liana	legume	seco	deiscente	autocoria	hermafrodita
ALCB 4988	<i>Zornia diphylla</i> (L.) Pers.	área antrópica	subarbusto	terófita	lomento	seco	deiscente	autocoria	hermafrodita
ALCB 04991	<i>Zornia echinocarpa</i> (Moric. ex Meisn.) Benth.	moita	erva	terófita	lomento	seco	deiscente	autocoria	hermafrodita

GENTIANACEAE

ALCB 03285	<i>Schultesia brachyptera</i> Cham.	área úmida	erva	terófita	cápsula	seco	deiscente	autocoria	hermafrodita
ALCB 03282	<i>Schultesia doniana</i> Progel	área úmida	erva	caméfito	cápsula	seco	deiscente	autocoria	hermafrodita

Código do herbário	Nome Científico	Habitat frequente	Grau de lenhosidade	Forma de vida	Tipo de fruto	Consistência do fruto	Deiscência do fruto	Dispersão do fruto	Sistema sexual
HUEFS 46691	<i>Schultesia guianensis</i> (Aubl.) Malme	área aberta	erva	caméfito	cápsula	seco	deiscente	autocoria	hermafrodita
ALCB 029081	<i>Schultesia guianensis</i> var. <i>latifolia</i> (Mart. ex Progel) E.F.Guim. & Fontella	área aberta	erva	caméfito	cápsula	seco	deiscente	autocoria	hermafrodita

HUMIRIACEAE

HUEFS 33394	<i>Humiria balsamifera</i> var. <i>parvifolia</i> (Juss.) Cuatr.	moita	árvore	fanerófita	drupa	carnoso	indeiscente	zoocoria	hermafrodita
--------------------	--	-------	--------	------------	-------	---------	-------------	----------	--------------

HYPERICACEAE

ALCB 043668	<i>Vismia guianensis</i> (Aubl.) Choisy	moita e área aberta	arbusto	fanerófita	baga	carnoso	indeiscente	zoocoria/ ornitocoria	hermafrodita
--------------------	---	---------------------	---------	------------	------	---------	-------------	--------------------------	--------------

KRAMERIACEAE

ALCB 89193	<i>Krameria bahiana</i> B. B. Simpson	área aberta	subarbusto	caméfito	núcula	seco	indeiscente	zoocoria	hermafrodita
ALCB 10238	<i>Krameria spartioides</i> Klotzsch ex O.Berg	área aberta	subarbusto	caméfito	núcula	seco	indeiscente	zoocoria	hermafrodita
ALCB 89192	<i>Krameria tomentosa</i> A. St.-Hil.	área aberta	arbusto	fanerófita	núcula	seco	indeiscente	zoocoria	hermafrodita

LAMIACEAE

ALCB 10416	<i>Aegiphila verticillata</i> Vell.	moitas	arbusto	fanerófita	núcula	seco	indeiscente	autocoria	hermafrodita
HUEFS 33366	<i>Eriope blanchetii</i> (Benth.) Harley	moitas	subarbusto	fanerófita	cápsula	seco	indeiscente	autocoria	hermafrodita
HUEFS 40785	<i>Hypenia salzmännii</i> (Benth.) Harley	moitas	subarbusto	fanerófita	cápsula	seco	indeiscente	autocoria	hermafrodita
ALCB 043635	<i>Marsypianthes chamaedrys</i> (Vahl) Kuntze	área aberta	erva	fanerófita	cápsula	seco	indeiscente	autocoria	hermafrodita
ALCB 89160	<i>Vitex cymosa</i> Bertero ex Spreng.	moitas	árvore	fanerófita	drupa	carnoso	indeiscente	zoocoria	hermafrodita

Código do herbário	Nome Científico	Habitat frequente	Grau de lenhosidade	Forma de vida	Tipo de fruto	Consistência do fruto	Deiscência do fruto	Dispersão do fruto	Sistema sexual
IBGE 30848	<i>Vitex polygama</i> Cham.	moitas	árvore	fanerófita	drupa	carnoso	indeiscente	zoocoria	hermafrodita

LAURACEAE

HUEFS 33387	<i>Cassytha filiformis</i> L.	área aberta	trepadeira	hemiparasita	baga	carnoso	indeiscente	zoocoria	hermafrodita
ALCB 19173	<i>Ocotea notata</i> Nees & Mart. Mez	moita	árvore	fanerófita	baga	carnoso	indeiscente	zoocoria	dióica
ALCB 94597	<i>Ocotea thinicola</i> Van der Werff et P.L.R. Moraes	moita	árvore	fanerófita	drupa	carnoso	indeiscente	zoocoria	hermafrodita

LECYTHIDACEAE

ALCB 89186	<i>Eschweilera ovata</i> (Cambess.) Mart. ex Miers	moita	árvore	fanerófita	baga	seco	deiscente	zoocoria	hermafrodita
------------	---	-------	--------	------------	------	------	-----------	----------	--------------

LENTIBULARIACEAE

ALCB 03703	<i>Utricularia adpressa</i> Salzm. ex A.St.-Hil. & Girard	moita	erva	hidrófita	cápsula	seco	deiscente	autocoria	hermafrodita
ALCB 088027	<i>Utricularia gibba</i> L.	lagoa	erva	hidrófita	cápsula	seco	deiscente	autocoria	hermafrodita
ALCB 49803	<i>Utricularia subulata</i> L.	lagoa	erva	hidrófita	cápsula	seco	deiscente	autocoria	hermafrodita

LINDERNIACEAE

IBGE 5146	<i>Torenia thouarsii</i> (Cham. & Schltdl.) Kuntze	área aberta	erva	caméfito	cápsula	seco	deiscente	autocoria	hermafrodita
-----------	--	-------------	------	----------	---------	------	-----------	-----------	--------------

LORANTHACEAE

ALCB 89159	<i>Psittacanthus dichroos</i> (Mart.) Mart.	moita	erva	hemiparasita	baga	carnoso	indeiscente	zoocoria	hermafrodita
HUEFS 33402	<i>Struthanthus flexicaulis</i> (Mart.) Mart.	moita	erva	hemiparasita	baga	carnoso	indeiscente	zoocoria	hermafrodita

Código do herbário	Nome Científico	Habitat frequente	Grau de lenhacidade	Forma de vida	Tipo de fruto	Consistência do fruto	Deiscência do fruto	Dispersão do fruto	Sistema sexual
ALCB 89183	<i>Struthanthus polyrhizus</i> (Mart.) Mart.	moita	erva	hemiparasita	baga	carnoso	indeiscente	zoocoria	hermafrodita

LYTHRACEAE

ALCB 89134	<i>Cuphea brachiata</i> Mart. ex Koehne	área aberta	subarbusto	caméfito	cápsula	seco	deiscente	autocoria	hermafrodita
HUEFS 36537	<i>Cuphea flava</i> Spreng.	área aberta	subarbusto	caméfito	cápsula	seco	deiscente	autocoria	hermafrodita

MALPIGHIACEAE

ALCB 16091	<i>Byrsonima bahiana</i> W.R. Anderson	moita	árvore	fanerófita	drupa	carnoso	indeiscente	zoocoria	hermafrodita
HUEFS 47479	<i>Byrsonima blanchetiana</i> Miq.	moita	arbusto	fanerófita	drupa	carnoso	indeiscente	zoocoria	hermafrodita
ALCB 58004	<i>Byrsonima coccolobifolia</i> Kunth	moita	arbusto	fanerófita	drupa	carnoso	indeiscente	zoocoria	hermafrodita
ALCB 04569	<i>Byrsonima dealbata</i> Griseb.	moita	arbusto	fanerófita	drupa	carnoso	indeiscente	zoocoria	hermafrodita
ALCB 021769	<i>Byrsonima microphylla</i> A.Juss.	moita	arbusto	fanerófita	drupa	carnoso	indeiscente	zoocoria	hermafrodita
ALCB 83995	<i>Byrsonima sericea</i> DC.	moita	árvore	fanerófita	drupa	carnoso	indeiscente	zoocoria	hermafrodita
HUEFS 40788	<i>Galphimia brasiliensis</i> (L.) A.Juss.	borda de moita	subarbusto	fanerófita	tricoca	seco	indeiscente	anemocoria	hermafrodita
ALCB 024309	<i>Heteropterys alternifolia</i> W.R.Anderson	moita	liana	fanerófita	samarideo	seco	indeiscente	anemocoria	hermafrodita
HUEFS 4163	<i>Peixotoa hispidula</i> A.Juss.	moita	trepadeira	liana	samarideo	seco	indeiscente	anemocoria	hermafrodita
HUEFS 33408	<i>Stigmaphyllon paralias</i> A.Juss.	moita	arbusto	fanerófita	samarideo	seco	indeiscente	anemocoria	hermafrodita

MALVACEAE

Código do herbário	Nome Científico	Habitat frequente	Grau de lenhosidade	Forma de vida	Tipo de fruto	Consistência do fruto	Deiscência do fruto	Dispersão do fruto	Sistema sexual
ALCB 08804	<i>Melochia villosa</i> (Mill.) Fawc. & Rendle	moita e área aberta	arbusto	fanerófita	cápsula	seco	deiscente	autocoria	hermafrodita
ALCB 026173	<i>Pavonia cancellata</i> (L.) Cav.	moita e área aberta	erva	caméfito	esquizocarpo	seco	indeiscente	autocoria	hermafrodita
IBGE 30840	<i>Sida cordifolia</i> L.	área aberta	erva	caméfito	esquizocarpo	seco	deiscente	autocoria	hermafrodita
ALCB 028740	<i>Sida spinosa</i> L.	área aberta	subarbusto	fanerófita	esquizocarpo	seco	deiscente	autocoria	hermafrodita
ALCB 02634	<i>Urena lobata</i> L.	área aberta	arbusto	fanerófita	esquizocarpo	seco	deiscente	autocoria	hermafrodita
ALCB 89158	<i>Waltheria cinerascens</i> A.St.Hil.	área aberta	subarbusto	fanerófita	cápsula	seco	deiscente	autocoria	hermafrodita
ALCB 02702	<i>Waltheria indica</i> L.	área aberta e borda de moita	subarbusto	caméfito	cápsula	seco	deiscente	autocoria	hermafrodita
ALCB 04672	<i>Waltheria viscosissima</i> A.St.-Hil.	área aberta e borda de moita	arbusto	fanerófita	cápsula	seco	deiscente	autocoria	hermafrodita

MELASTOMATACEAE

ALCB 3161	<i>Noterophila bivalvis</i> (Aubl.) Kriebel & M.J.R.Rocha	área aberta e úmida	erva	fanerófita	cápsula	seco	deiscente	zoocoria	hermafrodita
ALCB 89187	<i>Comolia ovalifolia</i> (DC.) Triana	área aberta e úmida	subarbusto	caméfito	cápsula	seco	deiscente	anemocoria	hermafrodita
ALCB 89171	<i>Henriettea succosa</i> (Aubl.) DC	moita	árvore	fanerófita	baga	carnoso	indeiscente	zoocoria	hermafrodita
ALCB 09216	<i>Marsetia ericoides</i> (Spreng.) O.Berg ex Cogn.	área aberta	arbusto	fanerófita	cápsula	seco	deiscente	anemocoria	hermafrodita
ALCB 89185	<i>Miconia amoena</i> Triana	área aberta e úmida	arbusto	fanerófita	baga	carnoso	deiscente	zoocoria	hermafrodita
ALCB 03120	<i>Nepsera aquatica</i> (Aubl.) Naudin	moita	erva	fanerófita	cápsula	seco	deiscente	anemocoria	hermafrodita
ALCB 027387	<i>Pleroma llotzkyanum</i> (C. Presl) Triana	moita	arbusto	fanerófita	cápsula	seco	deiscente	anemocoria	hermafrodita

Código do herbário	Nome Científico	Habitat frequente	Grau de lenhosidade	Forma de vida	Tipo de fruto	Consistência do fruto	Deiscência do fruto	Dispersão do fruto	Sistema sexual
ALCB 54301	<i>Pleroma urceolare</i> (Schrank et Mart. ex DC.) Triana	moita	arbusto	fanerófita	cápsula	seco	deiscente	anemocoria	hermafrodita
ALCB 04558	<i>Tibouchina bradeana</i> Renner	área aberta e úmida	arbusto	fanerófita	cápsula	seco	deiscente	anemocoria	hermafrodita
METTENIUSACEAE									
ALCB 89140	<i>Emmotum affine</i> Miers	moita	árvore	fanerófita	drupa	carnoso	indeiscente	zoocoria	hermafrodita
MOLLUGINACEAE									
ALCB 49813	<i>Mollugo verticillata</i> L.	área aberta	erva	terófita	cápsula	seco	deiscente	anemocoria	hermafrodita
MORACEAE									
ALCB 27410	<i>Ficus bahiensis</i> C.C. Berg & Carauta	moita	árvore	fanerófita	sicônio	carnoso	indeiscente	zoocoria	monóica
MYRTACEAE									
ALCB 89152	<i>Calycolpus legrandii</i> Mattos	moita	arbusto	fanerófita	baga	carnoso	indeiscente	zoocoria	hermafrodita
ALCB 16959	<i>Eugenia cf. ayacuchae</i> Steyerl.	moita	arbusto	fanerófita	baga	carnoso	indeiscente	zoocoria	hermafrodita
ALCB 81024	<i>Eugenia astringens</i> Cambess.	moita	arbusto	fanerófita	baga	carnoso	indeiscente	zoocoria	hermafrodita
HUEFS 33406	<i>Eugenia pistaciifolia</i> DC.	moita	arbusto	fanerófita	baga	carnoso	indeiscente	zoocoria	hermafrodita
ALCB 89141	<i>Eugenia puniceifolia</i> (Kunth) DC.	moita	arbusto	fanerófita	baga	carnoso	indeiscente	zoocoria	hermafrodita
ALCB 10436	<i>Myrcia bergiana</i> O.Berg	moita	árvore	fanerófita	baga	carnoso	indeiscente	zoocoria	hermafrodita
ALCB 97591	<i>Myrcia guianensis</i> (Aubl.) DC.	moita	árvore	fanerófita	baga	carnoso	indeiscente	zoocoria	hermafrodita
IBGE 40410	<i>Myrcia palustris</i> DC.	moita	árvore	fanerófita	baga	carnoso	indeiscente	zoocoria	hermafrodita

Código do herbário	Nome Científico	Habitat frequente	Grau de lenhosidade	Forma de vida	Tipo de fruto	Consistência do fruto	Deiscência do fruto	Dispersão do fruto	Sistema sexual
ALCB 71377	<i>Myrcia splendens</i> (Sw.) DC.	moita	árvore	fanerófita	baga	carnoso	indeiscente	zoocoria	hermafrodita
ALCB 97586	<i>Myrciaria floribunda</i> (H.West ex Willd.) O.Berg	moita	arbusto	fanerófita	baga	carnoso	indeiscente	zoocoria	hermafrodita
ALCB 61594	<i>Myrcia densa</i> (DC.)Sobral	moita	árvore	fanerófita	baga	carnoso	indeiscente	zoocoria	hermafrodita
ALCB 89174	<i>Myrcia ramuliflora</i> (O.Berg) N.Silveira	moita	árvore	fanerófita	baga	carnoso	indeiscente	zoocoria	hermafrodita
ALCB 61534	<i>Myrcia rotundifolia</i> (O.Berg) Kiaersk.	moita	árvore	fanerófita	baga	carnoso	indeiscente	zoocoria	hermafrodita
ALCB 97585	<i>Myrcia salzmanni</i> O. Berg	moita	arbusto	fanerófita	baga	carnoso	indeiscente	zoocoria	hermafrodita
ALCB 89170	<i>Myrcia venulosa</i> DC.	moita	árvore	fanerófita	baga	carnoso	indeiscente	zoocoria	hermafrodita
ALCB 20992	<i>Psidium guineense</i> Sw.	moita	árvore	fanerófita	baga	carnoso	indeiscente	zoocoria/ornitocoria	hermafrodita
NYCTAGINACEAE									
ALCB 028732	<i>Boerhavia coccinea</i> Mill.	moita	erva	Caméfito	aquênio	seco	indeiscente	autocoria	hermafrodita
HUEFS 8027	<i>Guapira pernambucensis</i> (Casar.) Lundell	área aberta	arbusto	fanerófita	núcula	seco	indeiscente	zoocoria	dióica
ALCB 027988	<i>Neea theifera</i> Oerst.	moita	árvore	fanerófita	aquênio	seco	indeiscente	zoocoria	dióica
OCHNACEAE									
ALCB 89153	<i>Ouratea rotundifolia</i> (Gardner) Engl.	moita	árvore	fanerófita	drupa	carnoso	indeiscente	zoocoria	hermafrodita
ALCB 89165	<i>Ouratea suaveolens</i> (A. St. Hil) Engl.	moita	árvore	fanerófita	drupa	carnoso	indeiscente	zoocoria	hermafrodita
ALCB 04551	<i>Sauvagesia erecta</i> L.	moita	erva	fanerófita	cápsula	seco	deiscente	autocoria	hermafrodita

Código do herbário	Nome Científico	Habitat frequente	Grau de lenhosidade	Forma de vida	Tipo de fruto	Consistência do fruto	Deiscência do fruto	Dispersão do fruto	Sistema sexual
ALCB 02755	<i>Sauvagesia sprengelii</i> A.St.-Hil.	área aberta	erva	terófito	cápsula	seco	deiscente	autocoria	hermafrodita

ONAGRACEAE

ALCB 81021	<i>Ludwigia octovalvis</i> (Jacq.) P.H.Raven	moita	subarbusto	fanerófito	cápsula	seco	deiscente	autocoria	hermafrodita
-------------------	--	-------	------------	------------	---------	------	-----------	-----------	--------------

ORCHIDACEAE

HUEFS 33452	<i>Brassavola tuberculata</i> Hook.	área aberta	erva	epífita	cápsula	seco	deiscente	anemocoria	hermafrodita
HUEFS 7100	<i>Catasetum discolor</i> (Lindl.) Lindl.	moita	erva	epífita	cápsula	seco	deiscente	anemocoria	hermafrodita
HUEFS 7104	<i>Cyrtopodium flavum</i> Link & Otto ex Rchb. f.	moita	erva	hemicriptófito	cápsula	seco	deiscente	anemocoria	hermafrodita
HUEFS 63093	<i>Cyrtopodium holstii</i> L.C.Menezes	moita	erva	hemicriptófito	cápsula	seco	deiscente	anemocoria	hermafrodita
HUEFS 33454	<i>Cyrtopodium parviflorum</i> Lindl.	moita	erva	hemicriptófito	cápsula	seco	deiscente	anemocoria	hermafrodita
HUEFS 33455	<i>Encyclia dichroma</i> (Lindl.) Schltr.	moita	erva	hemicriptófito	cápsula	seco	deiscente	anemocoria	hermafrodita
ALCB 009822	<i>Epidendrum cinnabarinum</i> Salzm.	moita	erva	hemicriptófito	cápsula	seco	deiscente	anemocoria	hermafrodita
ALCB 09782	<i>Epidendrum orchidiflorum</i> (Salzm.) Lindl.	moita	erva	hemicriptófito	cápsula	seco	deiscente	anemocoria	hermafrodita
ALCB 00963	<i>Koellensteinia abaetana</i> L.P. Queiroz	moita	erva	hemicriptófito	cápsula	seco	deiscente	anemocoria	hermafrodita
ALCB 020939	<i>Vanilla bahiana</i> Hoehne	moita	trepadeira	trepadeira	cápsula	seco	deiscente	anemocoria	hermafrodita

PASSIFLORACEAE

ALCB 026676	<i>Passiflora edulis</i> Sims.	borda de moita	trepadeira	liana	drupa	carnoso	indeiscente	zoocoria	hermafrodita
ALCB 85035	<i>Passiflora foetida</i> L.	borda de moita	trepadeira	liana	drupa	carnoso	indeiscente	zoocoria	hermafrodita

Código do herbário	Nome Científico	Habitat frequente	Grau de lenhosidade	Forma de vida	Tipo de fruto	Consistência do fruto	Deiscência do fruto	Dispersão do fruto	Sistema sexual
ALCB 02859	<i>Passiflora foetida</i> L. var foetida	borda de moita	trepadeira	liana	drupa	carnoso	indeiscente	zoocoria	hermafrodita
ALCB 89143	<i>Passiflora silvestris</i> Vell.	moita	trepadeira	liana	drupa	carnoso	indeiscente	zoocoria	hermafrodita
ALCB 02870	<i>Passiflora villosa</i> Vell.	borda de moita	trepadeira	liana	drupa	carnoso	indeiscente	zoocoria	hermafrodita

PENTAPHYLACACEAE

ALCB 97589	<i>Ternstroemia brasiliensis</i> Cambess.	moita	árvore	fanerófita	baga	carnoso	indeiscente	zoocoria	hermafrodita
------------	---	-------	--------	------------	------	---------	-------------	----------	--------------

PHYLLANTHACEAE

ALCB 038096	<i>Phyllanthus klotzschianus</i> Müll.Arg.	área aberta e borda de moita	arbusto	fanerófita	cápsula	seco	deiscente	autocoria	monóica
ALCB 02261	<i>Phyllanthus niruri</i> L.	área aberta e úmida	herbáceo	terófito	cápsula	seco	deiscente	autocoria	monóica

PHYTOLACCACEAE

ALCB 10244	<i>Microtea bahiensis</i> Marchior. & J.C.Siqueira	moita	subarbusto	terófito	aquênio	seco	indeiscente	autocoria	hermafrodita
ALCB 49808	<i>Microtea paniculata</i> Moq.	área aberta	erva	terófito	aquênio	seco	indeiscente	autocoria	hermafrodita

PLANTAGINACEAE

ALCB 10420	<i>Achetaria ocymoides</i> (Cham. & Schltdl.) Wettst.	área aberta	erva	caméfito	cápsula	seco	deiscente	autocoria	hermafrodita
ALCB 08833	<i>Achetaria scutellarioides</i> (Benth.) Wettst.	área aberta e úmida	erva	caméfito	cápsula	seco	deiscente	autocoria	hermafrodita
ALCB 03796	<i>Angelonia cornigera</i> Hook. f.	área aberta e úmida	erva	caméfito	cápsula	seco	deiscente	autocoria	hermafrodita
ALCB 03808	<i>Bacopa gratioloides</i> (Cham.) Edwall.	área aberta	erva	caméfito	cápsula	seco	deiscente	autocoria	hermafrodita
ALCB 03811	<i>Bacopa monnieri</i> (L.) Pennell	área aberta e úmida	erva	caméfito	cápsula	seco	deiscente	autocoria	hermafrodita

Código do herbário	Nome Científico	Habitat frequente	Grau de lenhosidade	Forma de vida	Tipo de fruto	Consistência do fruto	Deiscência do fruto	Dispersão do fruto	Sistema sexual
IBGE 5146	<i>Torenia thouarsii</i> (Cham. & Schltdl.) Kuntze	área aberta	erva	caméfito	cápsula	seco	deiscente	autocoria	hermafrodita

POACEAE

ALCB 016642	<i>Andropogon selloanus</i> (Hack.) Hack.	área aberta	erva	hemicriptófita	cariópse	seco	indeiscente	anemocoria	hermafrodita
ALCB 21288	<i>Axonopus aureus</i> P.Beauv.	área antrópica	erva	hemicriptófita	cariópse	seco	indeiscente	anemocoria	hermafrodita
ALCB 029352	<i>Digitaria horizontalis</i> Willd.	área aberta	erva	hemicriptófita	cariópse	seco	indeiscente	anemocoria	hermafrodita
ALCB 009294	<i>Eragrostis ciliaris</i> (L.) R.Br.	área aberta	erva	terófito	cariópse	seco	indeiscente	anemocoria	hermafrodita
ALCB 000853	<i>Eragrostis secundiflora</i> J.Presl	área aberta	erva	terófito	cariópse	seco	indeiscente	anemocoria	hermafrodita
ALCB 16532	<i>Melinis repens</i> (Willd.) Zizka	área aberta	erva	hemicriptófita	cariópse	seco	indeiscente	anemocoria	hermafrodita
IBGE 43810	<i>Trichanthecium cyanescens</i> (Nees ex Trin.) Zuloaga & Morrone	área aberta	erva	hemicriptófita	cariópse	seco	indeiscente	anemocoria	hermafrodita
HUEFS 5475	<i>Panicum dichotomiflorum</i> Michx.	área aberta e úmida antrópica	erva	hemicriptófita	cariópse	seco	indeiscente	anemocoria	hermafrodita
ALCB 058442	<i>Paspalum arenarium</i> Schrad.	área aberta e úmida	erva	hemicriptófita	cariópse	seco	indeiscente	zoocoria	hermafrodita
IBGE 20204	<i>Paspalum divergens</i> Döll	área aberta	erva	hemicriptófita	cariópse	seco	indeiscente	anemocoria	hermafrodita
ALCB 109799	<i>Trachypogon macroglossus</i> Trin.	área aberta	erva	hemicriptófita	cariópse	seco	indeiscente	zoocoria	hermafrodita
IBGE 31585	<i>Trachypogon spicatus</i> (L.f.) Kuntze	área aberta	erva	hemicriptófita	cariópse	seco	indeiscente	zoocoria	hermafrodita

POLYGALACEAE

HUEFS 33438	<i>Asemeia violacea</i> (Aubl.) J.F.B.Pastore & J.R.Abbott.	área aberta	erva	terófito	cápsula	seco	deiscente	autocoria	hermafrodita
-------------	---	-------------	------	----------	---------	------	-----------	-----------	--------------

Código do herbário	Nome Científico	Habitat frequente	Grau de lenhosidade	Forma de vida	Tipo de fruto	Consistência do fruto	Deiscência do fruto	Dispersão do fruto	Sistema sexual
ALCB 89145	<i>Polygala cyparissias</i> A.St.-Hil. & Moq.	área úmida	erva	terófito	cápsula	seco	deiscente	autocoria	hermafrodita
ALCB 97606	<i>Polygala paniculata</i> L.	área úmida	erva	terófito	cápsula	seco	deiscente	autocoria	hermafrodita
ALCB 036891	<i>Polygala trichosperma</i> Jacq.	área úmida	erva	terófito	cápsula	seco	deiscente	autocoria	hermafrodita
ALCB 043801	<i>Securidaca diversifolia</i> (L.) S.F.Blake	área úmida	trepadeira	liana	sâmara	seco	indeiscente	anemocoria	hermafrodita
IBGE 30856	<i>Securidaca lanceolata</i> St. Hil. & Moq.	moita	trepadeira	liana	sâmara	seco	indeiscente	anemocoria	hermafrodita

POLYGONACEAE

ALCB 15218	<i>Coccoloba arborescens</i> (Vell.) R.A.Howard	moita	arbusto	fanerófito	drupa	carnoso	indeiscente	zoocoria	dióica
ALCB 45920	<i>Coccoloba cordifolia</i> Meisn.	moita e área aberta	arbusto	fanerófito	drupa	carnoso	indeiscente	zoocoria	dióica
ALCB 89190	<i>Coccoloba laevis</i> Casar.	moita e área aberta	arbusto	fanerófito	drupa	carnoso	indeiscente	zoocoria	dióica
ALCB 97605	<i>Coccoloba ramosissima</i> Wedd.	moita e área aberta	arbusto	fanerófito	drupa	carnoso	indeiscente	zoocoria	andromonóica

PORTULACACEAE

ALCB 01196	<i>Portulaca hirsutissima</i> Cambess.	moita e área aberta	erva	caméfito	cápsula	seco	deiscente	autocoria	hermafrodita
------------	--	---------------------	------	----------	---------	------	-----------	-----------	--------------

PRIMULACEAE

ALCB 20942	<i>Myrsine guianensis</i> (Aubl.) Kuntze	moita	arbusto	fanerófito	drupa	carnoso	indeiscente	zoocoria	dióica
ALCB 16925	<i>Myrsine parvifolia</i> A.DC.	moita	arbusto	fanerófito	drupa	carnoso	indeiscente	zoocoria	dióica

RUBIACEAE

Código do herbário	Nome Científico	Habitat frequente	Grau de lenhosidade	Forma de vida	Tipo de fruto	Consistência do fruto	Deiscência do fruto	Dispersão do fruto	Sistema sexual
ALCB 04721	<i>Borreria capitata</i> (Ruiz & Pav.) DC.	moita	erva	caméfito	cápsula	seco	deiscente	autocoria	hermafrodita
ALCB 89146	<i>Borreria verticillata</i> (L.) G.Mey.	área aberta	subarbusto	caméfito	cápsula	seco	deiscente	autocoria	hermafrodita
ALCB 20432	<i>Chiococca plowmanii</i> Delprete	área aberta	arbusto	fanerófita	drupa	carnoso	indeiscente	zoocoria	hermafrodita
ALCB 89149	<i>Denscantia cymosa</i> (Spreng.) E.L.Cabral & Bacigalupo	moita	subarbusto	caméfito	cápsula	seco	deiscente	autocoria	hermafrodita
ALCB 10059	<i>Denscantia monodon</i> (K.Schum.) E.L.Cabral & Bacigalupo	área aberta	trepadeira	liana	cápsula	seco	deiscente	autocoria	hermafrodita
ALCB 10434	<i>Hexasepalum radula</i> (Willd.) Delprete & J.H.Kirkbr.	área aberta	subarbusto	fanerófita	cápsula	seco	deiscente	autocoria	hermafrodita
IBGE 37581	<i>Emmeorhiza umbellata</i> (Spreng.) K.Schum.	moita	trepadeira	liana	cápsula	seco	deiscente	autocoria	hermafrodita
ALCB 89175	<i>Guettarda platypoda</i> DC.	moita	arbusto	fanerófita	drupa	carnoso	indeiscente	zoocoria	hermafrodita
ALCB 04039	<i>Psychotria alba</i> Ruiz & Pav.	moita	arbusto	fanerófita	drupa	carnoso	indeiscente	zoocoria	hermafrodita
ALCB 20023	<i>Margaritopsis chaenotricha</i> (DC.) C.M.Taylor	moita	arbusto	fanerófita	baga	carnoso	indeiscente	zoocoria	hermafrodita
ALCB 29085	<i>Mitracarpus anthospermoides</i> K.Schum.	moita	subarbusto	fanerófita	cápsula	seco	deiscente	autocoria	hermafrodita
ALCB 09212	<i>Mitracarpus eichleri</i> K.Schum	moita e área aberta	erva	fanerófita	cápsula	seco	deiscente	autocoria	hermafrodita
IBGE 39876	<i>Mitracarpus megapotamicus</i> (Spreng.) Kuntze	moita e área aberta	erva	caméfito	cápsula	seco	deiscente	autocoria	hermafrodita
ALCB 04065	<i>Mitracarpus strigosus</i> (Taub.)P.L.R. Moraes, de Smedt & Hjertson	moita e área aberta	erva	caméfito	cápsula	seco	deiscente	autocoria	hermafrodita
IBGE 24945	<i>Pagamea guianensis</i> Aubl.	área aberta e moita	arbusto	fanerófita	drupa	carnoso	indeiscente	zoocoria	hermafrodita
ALCB 08795	<i>Perama hirsuta</i> Aubl.	moita	erva	fanerófita	cápsula	seco	deiscente	autocoria	hermafrodita

Código do herbário	Nome Científico	Habitat frequente	Grau de lenhosidade	Forma de vida	Tipo de fruto	Consistência do fruto	Deiscência do fruto	Dispersão do fruto	Sistema sexual
HUEFS 38985	<i>Richardia grandiflora</i> (Cham. & Schltdl.) Steud.	moita	erva	terófito	esquizocarpo	seco	indeiscente	zoocoria	hermafrodita
ALCB 97583	<i>Rudgea crassifolia</i> Zappi & E. Lucas.	moita	arbusto	fanerófito	drupa	carnoso	indeiscente	zoocoria	hermafrodita
IBGE 39875	<i>Rudgea umbrosa</i> Müll.Arg.	moita	arbusto	fanerófito	drupa	carnoso	indeiscente	zoocoria	hermafrodita
ALCB 04112	<i>Sabicea grisea</i> Cham. & Schltdl.	moita	trepadeira	liana	baga	carnoso	indeiscente	zoocoria	hermafrodita
HUEFS 43164	<i>Tocoyena brasiliensis</i> Mart.	moita e área aberta	arbusto	fanerófito	baga	carnoso	indeiscente	zoocoria	hermafrodita
ALCB 83996	<i>Tocoyena bulbata</i> (Vell.) Mart.	moita	árvore	fanerófito	baga	carnoso	indeiscente	zoocoria	hermafrodita
ALCB 04131	<i>Tocoyena sellowiana</i> (Cham. & Schltdl.) K.Schum.	moita	arbusto	fanerófito	baga	carnoso	indeiscente	zoocoria	hermafrodita

RUTACEAE

ALCB 49819	<i>Esenbeckia grandiflora</i> Mart..	moita	arbusto	fanerófito	cápsula	seco	deiscente	autocoria	hermafrodita
ALCB 28054	<i>Esenbeckia grandiflora</i> subsp. brevipetiolata Kaastra	moita	subarbusto	fanerófito	cápsula	seco	deiscente	autocoria	hermafrodita

SAPINDACEAE

HUEFS 33404	<i>Cardiospermum integerrimum</i> Radlk.	moita	trepadeira	liana	cápsula	seco	deiscente	anemocoria	dióica
ALCB 81025	<i>Cupania emarginata</i> Cambess.	moita	árvore	fanerófito	cápsula	seco	deiscente	zoocoria	dióica
ALCB 65946	<i>Matayba guianensis</i> Aubl.	moita	árvore	fanerófito	cápsula	seco	deiscente	zoocoria	dióica
ALCB 030945	<i>Serjania salzmänniana</i> Schltdl.	moita	trepadeira	liana	sâmara	seco	indeiscente	anemocoria	dióica
ALCB 032535	<i>Talisia cupularis</i> Radlk.	moita	árvore	fanerófito	baga	carnoso	indeiscente	zoocoria	dióica

SAPOTACEAE

ALCB 89151	<i>Manilkara salzmännii</i> (A.DC.) H.J.Lam.	moita	árvore	fanerófito	baga	carnoso	indeiscente	zoocoria	hermafrodita
------------	--	-------	--------	------------	------	---------	-------------	----------	--------------

Código do herbário	Nome Científico	Habitat frequente	Grau de lenhosidade	Forma de vida	Tipo de fruto	Consistência do fruto	Deiscência do fruto	Dispersão do fruto	Sistema sexual
ALCB 80023	<i>Pouteria grandiflora</i> (A.DC.) Baehni	moita	árvore	fanerófita	baga	carnoso	indeiscente	zoocoria	hermafrodita
SCHOEPIACEAE									
ALCB 09808	<i>Schoepfia brasiliensis</i> A.DC..	área aberta	árvore	fanerófita	drupa	carnoso	indeiscente	zoocoria	hermafrodita
SMILACACEAE									
ALCB 016923	<i>Smilax rufescens</i> Griseb.	moita	trepadeira	liana	baga	carnoso	indeiscente	zoocoria	dióica
SOLANACEAE									
ALCB 89162	<i>Schwenckia americana</i> Royen ex L.	moita	erva	terófita	cápsula	seco	deiscente	autocoria	hermafrodita
HUEFS 4172	<i>Cestrum axillare</i> Vell.	moita	árvore	fanerófita	baga	carnoso	indeiscente	zoocoria	hermafrodita
IBGE 30815	<i>Solanum mauritianum</i> Scop.	moita	arbusto	fanerófita	baga	carnoso	indeiscente	zoocoria	hermafrodita
ALCB 09298	<i>Solanum paniculatum</i> L.	moita	arbusto	fanerófita	baga	carnoso	indeiscente	zoocoria	hermafrodita
ALCB 03756	<i>Solanum polytrichum</i> Moric.	moita	arbusto	fanerófita	baga	carnoso	indeiscente	zoocoria	hermafrodita
ALCB 27751	<i>Solanum stagnale</i> Moric.	borda de moita	arbusto	fanerófita	baga	carnoso	indeiscente	zoocoria	hermafrodita
HUEFS 33379	<i>Solanum stipulaceum</i> Willd. Ex Roem & Schult.	moita	arbusto	fanerófita	baga	carnoso	indeiscente	zoocoria	hermafrodita
ALCB 09776	<i>Solanum thomasiifolium</i> Sendtn.	moita	arbusto	fanerófita	baga	carnoso	indeiscente	zoocoria	hermafrodita
SURIANACEAE									
ALCB 15901	<i>Suriana maritima</i> L.	moita	arbusto	fanerófita	drupa	carnoso	indeiscente	autocoria	hermafrodita
TURNERACEAE									
ALCB 10418	<i>Piriqueta viscosa</i> Griseb.	moita e área aberta	erva	fanerófita	cápsula	carnoso	deiscente	autocoria	hermafrodita
ALCB 89163	<i>Turnera calyptrocarpa</i> Urb.	borda de moita e área aberta	arbusto	fanerófita	cápsula	seco	deiscente	mirmecoria	hermafrodita

Código do herbário	Nome Científico	Habitat frequente	Grau de lenhosidade	Forma de vida	Tipo de fruto	Consistência do fruto	Deiscência do fruto	Dispersão do fruto	Sistema sexual
IBGE 39351	<i>Turnera chamaedrifolia</i> Cambess.	borda de moita e área aberta	arbusto	fanerófita	cápsula	seco	deiscente	mirmecoria	hermafrodita
VELLOZACEAE									
ALCB 89156	<i>Vellozia dasypus</i> Seub.	borda de moita e área aberta	erva	Geófita	cápsula	seco	deiscente	autocoria	hermafrodita
VERBENACEAE									
ALCB 89172	<i>Lantana camara</i> L.	área aberta	arbusto	fanerófita	drupa	carnoso	indeiscente	zoocoria	hermafrodita
ALCB 043642	<i>Lantana lucida</i> Schauer	moita e área aberta	arbusto	fanerófita	drupa	carnoso	indeiscente	zoocoria	hermafrodita
HUEFS 40782	<i>Lantana salzmannii</i> Schauer	moita e área aberta	erva	fanerófita	drupa	carnoso	indeiscente	zoocoria	hermafrodita
HUEFS 33431	<i>Stachytarpheta microphylla</i> Walp.	área aberta	erva	terófita	esquizocarpo	seco	indeiscente	autocoria	hermafrodita
VIOLACEAE									
ALCB 02811	<i>Pombalia calceolaria</i> (L.) Paula-Souza	área aberta	erva	fanerófita	cápsula	seco	deiscente	autocoria	hermafrodita
VITACEAE									
ALCB 81054	<i>Cissus erosa</i> Rich.	moita	liana	Geófita	baga	carnoso	indeiscente	zoocoria	hermafrodita
VOCHYSIACEAE									
ALCB 19243	<i>Vochysia lucida</i> C. Presl.	moita	árvore	fanerófita	cápsula	seco	deiscente	anemocoria	hermafrodita
XYRIDACEAE									
ALCB 000389	<i>Xyris ciliata</i> Thunb.	moita	erva	caméfito	cápsula	seco	deiscente	anemocoria	hermafrodita
ALCB 19892	<i>Xyris jupicai</i> Rich.	área úmida	erva	caméfito	cápsula	seco	deiscente	anemocoria	hermafrodita
ALCB 008780	<i>Xyris laxifolia</i> Mart.	área úmida	erva	caméfito	cápsula	seco	deiscente	anemocoria	hermafrodita

Tabela 2: Espécies lenhosas exploradas economicamente com ocorrência na APA das dunas do Abaeté, Salvador, BA.

Família/espécie	Usos
ANACARDIACEAE <i>Anacardium occidentale</i> (cajueiro)	Madeira própria para construção civil, serviços de torno, marcenaria e carpintaria, confecção de cabos de ferramentas agrícolas, cepas de tamanco e caixotaria. Os frutos são consumidos das mais diversificadas formas. A castanha é exportada para o mundo inteiro. A casca da castanha fornece um óleo industrial. A goma purificada é usada pela indústria farmacêutica como agregante em comprimidos no lugar da goma-arábica. Na medicina caseira são usadas na elaboração de preparações para uso oral, feitas com entrecascas, a goma e do LCC (líquido da castanha do caju) de acordo com a tradição e tidas como; antidiabética, adstringente, antidiarreica, depurativa, tônica e antiasmática.
<i>Schinus terebinthifolius</i> (aroeira)	A casca dos ramos produz tanino que algumas comunidades utilizam para tingimento de roupas e para tratamento de inflamações
<i>Tapirira guianensis</i> (pau-pombo)	Madeira macia ao corte, fácil de trabalhar, muito empregada na confecção de brinquedos, embalagens e caixotaria leve, móveis comuns, entalhes, saltos para calçados, cabos de vassouras, lambris, geração de energia, produção de papel, tábuas e caixão de defunto. A madeira apresenta baixa resistência ao ataque de organismos xilófagos.
APOCYNACEAE <i>Hancornia speciosa</i> (mangabeira)	A madeira é empregada apenas para caixotaria e para lenha e carvão. Seus frutos são comestíveis e muito apreciados, principalmente na região Nordeste do país, onde são regularmente comercializados nas feiras e, industrializados na forma de sorvetes e doces. É cultivada na caatinga para a industrialização de seus frutos. Os frutos são também consumidos por algumas espécies de animais silvestres. A árvore, pelo porte e forma da copa pode ser utilizada na arborização de ruas estreitas. Sua madeira, vermelha e rígida no tronco da planta é aplicada na construção civil e na carpintaria (MANICA, 2002).
BIGNONIACEAE <i>Tabebuia elliptica</i> (ipê-branco-da-restinga)	Madeira pesada de moderada resistência ao ataque dos organismos xilófagos. A madeira pode ser usada em carpintaria leve em ambientes internos. A espécie é capaz de suportar ambientes salinos
BURSERACEAE <i>Protium bahianum</i> (almecegueira-da-praia)	Madeira pesada de boa durabilidade natural mas de pequenas dimensões, seu uso é limitado à pequena marcenaria e à confecção de utensílios em geral. A árvore possui atributos ornamentais. Os frutos são procurados pela avifauna.
<i>Protium heptaphyllum</i> (almécega-cheirosa)	Madeira moderadamente pesada, compacta, dura, bastante elástica, de grande durabilidade quando em lugares secos. É apropriada para construção civil, obras internas, assoalhos, derviços de torno, carpintaria e marcenaria. Do tronco exsuda por incisão um óleo-resina de cor branco-esverdeada e com aroma agradável, que endurece quando em contato com o ar. É um tipo de insenso usado na indústria de perfumaria, farmacêutica e de defumadores místicos.

Família/espécie	Usos
CALOPHYLLACEAE <i>Kielmeyera neglecta</i> (pau-santo)	Usada popularmente para tratamento de esquistossomose, malária e infecções fúngica e bacteriana. O extrato etanólico de suas folhas tem efeito ansiolítico em ratos.
DILLENIACEAE <i>Curatella americana</i> (lixeira)	A madeira é própria para obras internas, carpintaria, marcenaria e serviços de torno. A árvore é muito ornamental, podendo ser usada com sucesso no paisagismo em geral. Seus frutos são avidamente procurados por pássaros durante a maturação. Suas folhas são altamente silicosas e ásperas, o que permitiu seu uso para lixar madeira. Várias de suas partes são utilizadas na medicina popular. A casca é utilizada para combater dores de cabeça, sinusite e enxaqueca. As folhas, para resfriados e dor de estômago. A raiz, para dores pulmonares e as flores para resfriados. Na indústria, as propriedades adstringentes da casca, por seu teor de tanino, indicam seu uso no curtimento de couros.
ERICACEAE <i>Agarista revoluta</i>	As folhas são utilizadas em extratos para fins medicinais, para problemas estomacais, utilizada em atividade biológica contra o vírus Herpes simplex tipo 1 (HSV-1); São utilizadas como ornamentais e em recuperação de áreas degradadas
EUPHORBIACEAE <i>Maprounea guianensis</i> (milho-torrado)	A madeira é medianamente resistente e pouco duradoura. É empregada para uso interno em construção civil, como forros, mata-juntas, divisórias, para miolo de compensados, caixotaria, cabo de ferramenta bem como para produção de carvão e lenha.
<i>Swartzia apetala</i> var. <i>apetala</i> (arruda-vermelha)	Madeira valorizada. Planta utilizada como ornamental. Ecologicamente importante como recurso para pássaros, fixadora de Nitrogênio.
<i>Andira nitida</i> (andira)	Madeira pesada, difícil de trabalhar, de boa resistência ao apodrecimento. É indicada para obras externas, como mourões e dormentes, estacas, tanoaria, serviços de tornos, além de carpintaria e marcenaria. Também é ornamental e útil na arborização urbana.
<i>Bowdichia virgilioides</i> (sucupira)	Muito resistente ao apodrecimento. Presta-se para construção civil e naval, carpintaria, fabricação de móveis, tacos e dormentes.
<i>Inga capitata</i> var. <i>capitata</i> (ingá)	A madeira, de propriedades mecânicas baixas, pode ser usada apenas para confecção de embalagens leves, lenha e carvão. Seus frutos são comestíveis. Ornamental, comestível, melífera, alimento para fauna de vertebrado.
<i>Leptolobium bijugum</i> (angico-da-praia)	Presta-se para postes, tacos e construção civil
<i>Macrolobium rigidum</i> (óleo-cumumbá)	Presta-se à produção de papel

Família/espécie	Usos
<i>Poecilanthus itapuanus</i> (angelim-ferro)	Madeira pesada, compacta e muito durável mesmo em condições adversas. É utilizada na construção civil e naval, bem como para obras externas como dormentes, postes e moirões. O bálsamo da casca é utilizado em perfumaria e na medicina popular.
HUMIRIACEAE <i>Humiria balsamifera</i> var. <i>parvifolia</i>	A madeira, de características mecânicas baixas a médias e pelas pequenas dimensões disponíveis, é indicada apenas para pequenas construções rurais, bem como para lenha e carvão. As flores são melíferas. A árvore é rústica e produtora de abundante alimento para a fauna, sendo recomendada para reflorestamentos mistos destinados à preservação. Ornamental.
ICACINACEAE <i>Emmotum affine</i> (faia-mirim)	A madeira, de características mecânicas baixas a médias e pelas pequenas dimensões disponíveis, é indicada apenas para pequenas construções rurais, bem como para lenha e carvão. As flores são melíferas. A árvore é rústica e produtora de abundante alimento para a fauna, sendo recomendada para reflorestamentos mistos destinados à preservação. Ornamental.
LAMIACEAE <i>Vitex cymosa</i> (tarumã)	A madeira muito pesada, de grande durabilidade natural mesmo quando exposta. É utilizada para construção de estruturas externas, dormentes, postes, mourões, estacas, cruzetas, bem como para construção civil, como vigas, caibros, tábuas e tacos para assoalhos, arco de violino. Os frutos e o látex da casca são comestíveis. A árvore é recomendada para a arborização em geral e para reflorestamentos ecológicos. Ornamental, comestível, alimento para fauna de vertebrado.
MALPIGHIACEAE <i>Byrsonima sericea</i> (murici)	Madeira moderadamente pesada, macia, medianamente resistente e bastante durável. Localmente utilizada como mourões para lugares brejosos, esteios, dormentes e produção de papel. Os frutos e folhas são medicinais e comestíveis.
PENTAPHYLACEAE <i>Ternstroemia brasiliensis</i> (benguê)	Madeira leve, fácil de trabalhar, medianamente resistente e moderada resistência quando protegida das intempéries. É indicada apenas para uso interno em carpintaria, marcenaria, leve serviços de torno, e para produção de lenha e carvão. É considerada medicinal principalmente as folhas e cascas. Os frutos são apreciados pelos pássaros.
SAPOTACEAE <i>Manilkara salzmannii</i>	Madeira indicada para construção de estruturas externas, dormentes, postes, mourões, estacas, cruzetas, bem como para construção civil, como vigas, caibros, tábuas e tacos para assoalhos, arcos de violino. Os frutos e o látex da casca são comestíveis. A árvore é recomendada para a arborização em geral e para reflorestamentos ecológicos. Ornamental e comestível.

Tabela 3: Características florais das 95 espécies registradas em 43 moitas amostradas na restinga aberta da APA do Abaeté, Salvador, BA. Cor da flor: Inconspícua (Inc) e Conspícua (Co); período da antese: diurna (Diu) e noturna (not); Recurso: néctar (N), Óleo (O), Resina (R), Ausente (a); Tamanho da flor (diâmetro da corola exposta): P (<1cm), I (>1 <2 cm), G (>2cm); arranjo das flores: solitárias (S) e inflorescência (In); simetria: actinomorfa (ac) e zigomorfa (zi); deiscência da antera: rímoda (ri), valvar (va), poricida (po); Forma floral: tubo (T), prato (Pr), pincel (Pi), quilha (Q), campânula (Ca), funil (Fu).

Espécie	Atributos florais								
	sistema sexual	antese	cor	forma	simetria	deiscência antera	recurso	arranjo floral	tamanho
<i>Alternanthera littoralis</i> var. <i>maritima</i>	mo	n.i.	Inc	T	ac	ri	N	In	P
<i>Ageratum conyzoides</i>	mo	diu	co	T	ac	ri	N	In	P
<i>Anthurium affine</i>	di	diu	Inc	Pr	ac	ri	N	In	P
<i>Allagoptera brevicalyx</i>	di	diu	Inc	Pr	ac	ri	N	In	P
<i>Attalea funifera</i>	di	diu	Inc	Pr	ac	ri	N	In	P
<i>Aechmea multiflora</i>	mo	diu	co	Pr	ac	ri	N	In	G
<i>Agarista revoluta</i>	mo	diu	Inc	T	ac	ri	N	In	P
<i>Bactris soeiroana</i>	di	not	Inc	Pr	ac	ri	N	In	P
<i>Borreria verticillata</i>	mo	diu	Inc	T	ac	ri	N	In	P
<i>Borreria capitata</i>	mo	diu	Inc	T	ac	ri	N	In	P
<i>Byrsonima dealbata</i>	mo	diu	co	Pr	zi	ri	O	In	G
<i>Byrsonima microphylla</i>	mo	diu	co	Pr	zi	ri	O	In	I
<i>Byrsonima morii</i>	mo	diu	co	Pr	zi	ri	O	In	G
<i>Calycolpus legrandii</i>	mo	diu	Inc	Pi	ac	ri	A	In	G
<i>Chiococca plowmanii</i>	mo	diu	Inc	T	ac	ri	N	In	P
<i>Calea angusta</i>	mo	diu	co	T	ac	ri	N	In	P
<i>Calea candolleana</i>	di	diu	co	T	ac	ri	N	In	P
<i>Cereus fernambucensis</i>	mo	not	co	Pr	ac	ri	N	In	G

Espécie	Atributos florais								
	sistema sexual	antese	cor	forma	simetria	deiscência antera	recurso	arranjo floral	tamanho
<i>Chrysobalanus icaco</i>	mo	diu	Inc	Pi	ac	ri	N	In	P
<i>Cyperus imbricatus</i>	di	diu	Inc	Pr	ac	ri	A	In	P
<i>Centrosema coriaceum</i>	mo	diu	co	Q	zi	ri	N	S	G
<i>Chamaecrista ramosa</i> var. <i>ramosa</i>	mo	diu	co	Pr	zi	po	A	In	G
<i>Chamaecrista cytisoides</i>	mo	diu	co	Pr	zi	po	A	In	G
<i>Chamaecrista flexuosa</i> var. <i>flexuosa</i>	mo	diu	co	Pr	zi	po	A	In	G
<i>Cassytha filiformis</i>	mo	diu	Inc	P	ac	va	N	In	P
<i>Croton campestris</i>	di	diu	Inc	Pi	ac	ri	N	In	P
<i>Croton lundianus</i>	di	diu	Inc	Pi	ac	ri	N	In	P
<i>Croton sellowii</i>	di	diu	Inc	Pi	ac	ri	N	In	P
<i>Coccoloba laevis</i>	di	diu	Inc	Pr	ac	ri	N	In	P
<i>Coccoloba ramosissima</i>	di	diu	Inc	Pr	ac	ri	N	In	P
<i>Coccoloba cordifolia</i> *	di	diu	Inc	Pr	ac	ri	N	In	P
<i>Comolia ovalifolia</i>	mo	diu	co	Pr	ac	po	A	In	G
<i>Cuphea brachiata</i>	mo	diu	co	T	zi	ri	N	In	I
<i>Curatella americana</i>	mo	diu	co	Pi	ac	ri	A	In	G
<i>Davilla flexuosa</i>	mo	diu	co	Pi	ac	ri	A	In	G
<i>Denscantia cymosa</i>	mo	diu	Inc	T	ac	ri	N	In	P
<i>Dioscorea polygonoides</i>	di	diu	Inc	Pr	ac	ri	A	In	P
<i>Ditassa crassifolia</i>	mo	diu	Inc	Pr	ac	ri	N	In	P
<i>Eugenia punicifolia</i>	mo	diu	Inc	Pi	ac	ri	N?	In	P
<i>Euphorbia gymnoclada</i>	di	diu	Inc	Pi	ac	ri	N	In	P
<i>Emmotum affine</i>	mo	diu	Inc	P	ac	ri	N	In	P

Espécie	Atributos florais								
	sistema sexual	antese	cor	forma	simetria	deiscência antera	recurso	arranjo floral	tamanho
<i>Eriope blanchetii</i>	mo	diu	co	Q	zi	ri	N	In	P
<i>Encyclia dichroma</i>	mo	diu	co	T	zi	ri	N	In	G
<i>Epidendrum orchidiflorum</i>	mo	diu	co	T	zi	ri	N	In	G
<i>Epidendrum cinnabarinum</i>	mo	diu	co	T	zi	ri	N	In	G
<i>Eschweilera ovata</i>	mo	diu	co	Q	zi	ri	N	S	G
<i>Evolvulus maximiliani</i>	mo	diu	co	T	ac	ri	N	In	P
<i>Guapira pernambucensis</i>	di	diu	Inc	Pi	ac	ri	N	In	P
<i>Guettarda platypoda</i>	mo	not	Inc	Pr	ac	ri	N	In	G
<i>Hancornia speciosa</i>	mo	not	Inc	T	ac	ri	N	In	G
<i>Hohenbergia littoralis</i>	mo	diu	co	Pr	ac	ri	N	In	G
<i>Humiria balsamifera</i> var. <i>parvifolia</i>	mo	diu	Inc	Ca	ac	ri	N	In	P
<i>Kielmeyera argentea</i>	di	diu	co	Pi	ac	ri	R	In	G
<i>Kielmeyera reticulata</i>	di	diu	co	Pi	ac	ri	R	In	G
<i>Krameria bahiana</i>	mo	diu	co	Q	zi	po	O	In	I
<i>Lantana camara</i>	mo	diu	co	T	zi	ri	N	In	P
<i>Lagenocarpus rigidus</i>	di	diu	Inc	Pr	ac	ri	A	In	P
<i>Lepidaploa arenaria</i>	mo	diu	co	T	ac	ri	N	In	P
<i>Manilkara salzmännii</i>	mo	diu	Inc	Pr	ac	ri	N	In	P
<i>Melocactus salvadorensis</i>	mo	diu	co	Pr	ac	ri	N	In	G
<i>Mikania nitida</i>	mo	diu	Inc	T	ac	ri	N	In	P
<i>Mitracarpus eichleri</i>	mo	diu	Inc	T	ac	ri	N	In	G
<i>Myrcia hiemalis</i>	mo	diu	Inc	Pi	ac	ri	N?	In	P
<i>Myrcia salzmänni</i>	mo	diu	Inc	Pi	ac	ri	N	In	P

Espécie	Atributos florais								
	sistema sexual	antese	cor	forma	simetria	deiscência antera	recurso	arranjo floral	tamanho
<i>Myrcia guianensis</i>	mo	diu	Inc	Pi	ac	ri	N?	In	P
<i>Myrcia sp</i>	mo	diu	Inc	Pi	ac	ri	N?	In	P
<i>Myrciaria floribunda</i>	mo	diu	Inc	Pi	ac	ri	N?	In	P
<i>Moldenhawera nutans</i>	mo	diu	co	Pr	zi	po	A	In	G
<i>Mollugo verticillata</i>	mo	diu	Inc	Pi	ac	ri	A	In	P
<i>Neea theifera</i>	di	diu	Inc	Pi	ac	ri	N	In	P
<i>Poaceae sp</i>	mo	diu	Inc	Pi	zi	ri	A	In	P
<i>Polygala paniculata</i>	mo	diu	Inc	Q	zi	po	N	In	P
<i>Protium bahianum</i>	di	diu	Inc	Pr	ac	ri	N	In	P
<i>Protium icariba</i> var. <i>talmonii</i>	di	diu	Inc	Pr	ac	ri	N	In	P
<i>Psittacanthus dichroos</i>	mo	diu	co	T	ac	ri	N	In	G
<i>Rudgea irregularis</i>	mo	diu	Inc	T	ac	ri	N	In	P
<i>Senna splendida</i> var. <i>gloriosa</i>	mo	diu	co	Pr	zi	po	A	In	G
<i>Schinus terebinthifolia</i>	di	diu	Inc	Pr	ac	ri	N	In	P
<i>Stigmaphyllon paralias</i>	mo	diu	co	Pr	zi	ri	O	In	G
<i>Stilpnopappus scaposus</i>	mo	diu	co	T	ac	ri	N	In	P
<i>Swartzia apetala</i> var. <i>apetala</i>	mo	diu	Inc	Pi	zi	ri	A	In	I
<i>Syngonanthus gracilis</i>	di	diu	Inc	indef.	ac	ri	A	In	P
<i>Smilax rufescens</i>	di	diu	Inc	Pr	ac	ri	a	In	P
<i>Smilax sp</i>	di	diu	Inc	Pr	ac	ri	A	In	P
<i>Stylosanthes viscosa</i>	mo	diu	co	Q	zi	ri	N	In	P
<i>Struthanthus polyrhizus</i>	mo	diu	co	T	ac	ri	N	In	I
<i>Tabebuia elliptica</i>	mo	diu	co	T	zi	ri	N	In	G

Espécie	Atributos florais								
	sistema sexual	antese	cor	forma	simetria	deiscência antera	recurso	arranjo floral	tamanho
<i>Tetragastris occhionii</i>	di	diu	Inc	Pr	ac	ri	N	In	P
<i>Ternstroemia brasiliensis</i>	mo	diu	co	Pr	ac	ri	A	In	P
<i>Tibouchina bradeana</i>	mo	diu	co	Pr	ac	po	A	In	G
<i>Vanilla bahiana</i>	mo	diu	co	Ca	zi	ri	N	S	G
<i>Vellozia dasypus</i>	mo	diu	co	Fu	ac	ri	A	S	G
<i>Vismia guianensis</i>	mo	diu	Inc	Pr	ac	ri	A	In	P
<i>Vitex cymosa</i>	mo	diu	co	Ca	zi	ri	N	In	I
<i>Waltheria cinerescens</i>	mo	diu	co	T	ac	ri	N	In	P

Realização:



Apoio:

